

Maré Viva

Director Interino: NUNO BARBOSA SEMANÁRIO ANO VI N.º 321 — PREÇO 9\$00 — 6/1/83

MUDANÇA DE TESTEMUNHO

"Maré Viva" tem novo Director

A partir deste número o Maré Viva aparece com o nome de um novo responsável no cabeçalho. Dá-se assim uma mudança de testemunho nesta caminhada que durante meia dúzia de anos me coube assumir como representante da muita gente que por aqui passou, das várias equipas que ao longo dos anos foram fazendo este jornal.

As dificuldades de percurso, num jornal, sempre presentes crescem quando a via que a si mesmo se impôs nem sempre é totalmente compreendida e raras vezes encontra os apoios e ajudas que, mais do que necessários, são de facto indispensáveis.

Mesmo assim, há um testemunho importante a passar para o futuro que este jornal há-de ter: o de não se transigir e tudo ser feito para que os objectivos desde início propostos não se percam no caminho. Um caminho que agora se retoma e se saúda, na presença de quantos continuam, e contando com todos os que entendem que esta jornal é necessário.

ANTÓNIO SANTOS

Uma mudança de nome no cabeçalho dum jornal, principalmente no local destinado ao Director, pode, em certos casos, ser entendida como uma alteração na orientação. Não é isto que se passa no caso corrente. A orientação do Jornal será a mesma, aquela que nos tem granjeado bons amigos e, também, inimigos. Estes, no entanto, e na sua maioria, apesar de se assumirem como tal reconhecem em nós uma voz importante no nosso Concelho.

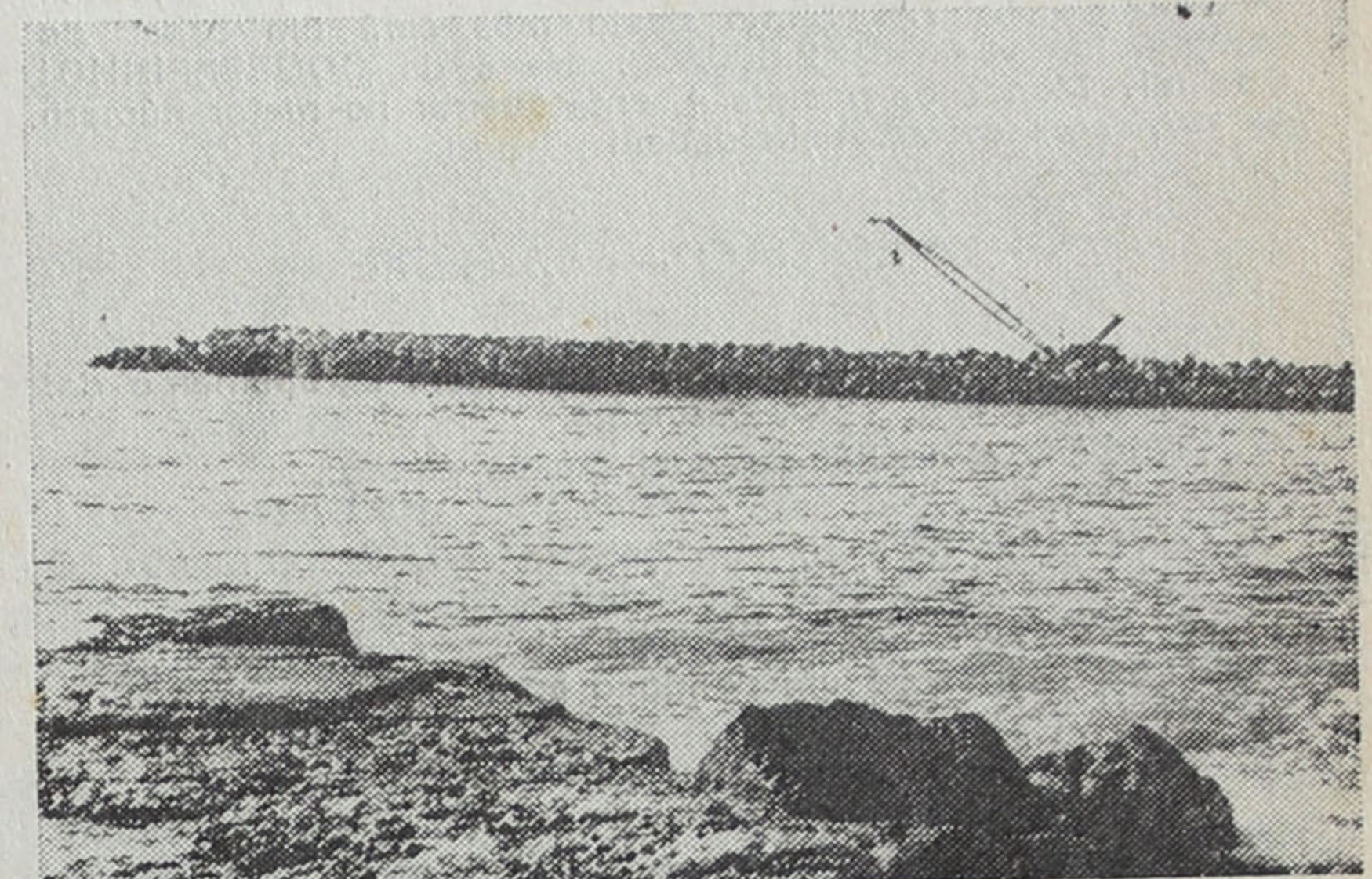
Fenómenos como o de agora são mais ou menos normais em todos os jornais. No caso concreto do «M. V.», tudo será feito para que esta «troca de nomes» no cabeçalho, também seja um fenómeno normal. O esforço a dispender vai ser maior. Daí que a colaboração de todos seja, agora, ainda mais necessária.

Uma coisa fique como indiscutível. Não será por um simples e comodista cruzar de braços que o «Maré Viva» deixará de estar, semanalmente, consigo.

NUNO BARBOSA

1982 EM ESPINHO

UM BALANÇO PROVISÓRIO



As grandes polémicas do ano, as obras feitas e as que ficaram na gaveta, as mudanças no quotidiano da cidade e sua gente, as contas da acção de um poder local tantas vezes marginal, o destaque para alguns que andaram nas «bocas do mundo» — de tudo isto, sem pretensões, se fala nas páginas centrais, num balanço naturalmente incompleto mas que relembra alguns aspectos dignos de registo na vida de Espinho durante 1982.

Comandante da PSP entrevistado pelo "MV"

Fomos entrando. Uma entrevista marcada no dia anterior. Tivemos a impressão que todos tinham conhecimento do que ali nos levava. Mesmo assim foi preciso esperar. Formalida-

des. Depois: «Acompanhe estes senhores ao gabinete do sr. Comandante». Subindo uma escadaria, ao fundo de um corredor, uma porta. Fechada. Estávamos no posto da PSP local e o en-

trevistado era o 1.º Comissário Manuel Atanásio dos Reis, Comandante daquela secção. A entrevista começou:

Leia na página 7

JANEIRAS / 82

Festa Final no Sábado



É já no próximo sábado que as tradicionais «Janeiras» do Coro Popular de Espinho têm o seu encerramento com a realização da habitual festa final. Entretanto foram muitos os dias de trabalho que permitiram os espectáculos de rua realizados este ano não só em Espinho mas também em Guimarães e Aveiro.

Página 3

NO SUPLEMENTO DESPORTIVO

1500 contos da Câmara para a relva do Avenida

ÚLTIMA HORA

Na passada 3.ª feira foi lançada à terra a totalidade da semente para o arrelvamento do Avenida. O sistema de irrigação já está montado (e a funcionar). Prevê-se que, se o tempo ajudar, a inauguração do tapete verde seja feita em fins de Abril, num jogo particular com o F. C. Porto. Está também prevista a emissão duma medalha comemorativa do acontecimento.

TOTO TESTE

(1)

1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		

Ano novo, vida nova! Assim sendo, cá vamos para a 1.ª edição da 4.ª série do nosso concurso. Para já, uma boa notícia: o 1.º prémio deste mês será um cabaz de compras no valor de 2.500\$00, oferta da COOPESPINHO! Que tal? Mande os postais e tente acertar no maior número de respostas certas. Felicidades!

1.ª EDIÇÃO — 4.ª SÉRIE

- Dá-se o nome de «constelação» a um agrupamento de:
 - Estrelas
 - Planetas
 - Cometas
- Tirana é a capital de qual destes países:
 - Roménia
 - Albânia
 - Grécia
- Alves dos Reis foi um célebre falsário português. O seu nome está ligado à falsificação de:
 - Notas
 - Quadros
 - Jóias
- Um icosaédono é um polígono com:
 - 5 lados
 - 11 lados
 - 20 lados
- Qual o autor da obra «Resposta a Matilde»:
 - Miguel Torga
 - Alves Redol
 - Fernando Namora
- Em que cidade italiana se passa a acção principal de «Romeu e Julieta»:
 - Milão
 - Roma
 - Verona
- Os personagens «D. Quixote e Sancho Pança» foram criados por:
 - García Lorca
 - Unamuno
 - Cervantes
- «Numismata» é aquele que coleciona:
 - Selos
 - Moedas
 - Fósforos
- A quem adormece, diz-se que se entrega aos braços de:
 - Baco
 - Júpiter
 - Morfeu
- Qual a nacionalidade de Maradona, jogador de futebol do Barcelona:
 - Espanhol
 - Argentino
 - Peruano
- Que nome tem o cirurgião que pela 1.ª vez fez uma transplantação de um coração humano?
 - Barrison
 - Barnard
 - Heart
- Em qual destas localidades nasceu Shakespeare:
 - Stratford
 - Londres
 - Leeds
- Que nome tinha a mulher que acompanhou Hitler nos últimos tempos da sua vida:
 - Ana
 - Eva
 - Helga

PARA ESTA SÉRIE DE PERGUNTAS SERÃO ACEITES RESPOSTAS NA CHAVE QUE PUBLICAMOS E QUE SERÁ REGOTADA E COLADA NUM POSTAL DOS CTT, ATÉ 5.ª FEIRA, DIA 13 DE JANEIRO, ENDEREÇADO A «MARÉ VIVA», APARTADO 43 — 4501 ESPINHO CODEX

O 1.º prémio desta série, um cabaz de compras no valor de 2.500\$00 é oferta de

COOPESPINHO

A força dos consumidores na nossa cidade

FAÇA-SE SÓCIO

Rua 62 n.º 330 — Telefone 723854 — ESPINHO

O 2.º prémio, um livro ou um disco, à escolha, é oferta do Centro Livreiro da Nascente

CHAVE DAS RESPOSTAS DA SEMANA ANTERIOR

1X2 2XX X1X 1212

TUCÁTULÁ

...E aqui está o Maré Viva consigo, pela primeira vez neste novo ano. Se bem que as dificuldades não sejam pequenas, apostamos na continuação de um trabalho que entendemos útil e necessário. Oxalá não nos falte o crescente apoio de quantos nos lêem e podem, de alguma maneira, connosco colaborar.

Para este primeiro número de 83 preparamos-lhe um balanço do que foi em Espinho o ano que findou, onde recordamos alguns dos aspectos mais salientes de casos e factos que

ocorreram ao longo de 1982. E como é já da nossa tradição não poderíamos deixar de dar um toque irónico e crítico com os «carimbos» que anualmente atribuímos. E a propósito: se quiser entrar no jogo e «carimbar» alguma coisa ou alguém, não hesite, mãos à obra e mande-nos a prova do seu espírito crítico-humorístico.

Ainda a destacar esta semana, uma oportuna entrevista com o Comandante da PSP local, que permite a retrospectiva do que tem sido a acção daquela Corporação e fornece um

melhor conhecimento das dificuldades com que luta para levar a cabo a missão que lhe cabe.

Finalmente, continua o nosso esforço na diversificação e alargamento do âmbito do jornal, cujo melhor exemplo para já é o suplemento sobre desporto que temos vindo a publicar mensalmente e que esta semana reaparece. Mais uma razão para ficar connosco ao longo deste ano em que o Maré Viva pretende continuar a ser uma presença regular e interessante junto de si.

PINGOS DE TV

Por MÁRIO CASTRIM

1 — A RTP quis dar-nos uma programação especial para a época Natalícia. Natal português, exigiria uma programação na base da produção portuguesa. Foi assim que se fez? Pelo contrário. As rubricas de fundo eram estrangeiras: americanas, inglesas, francesas, assim por diante.

Esta televisão, meus amigos, só é portuguesa no nome. Nem o Natal escapa à colonização.

2 — O cançonetismo que campeia na televisão é, na sua maior parte, do género daquele que João Paulo Guerra nos anos sessenta baptizou de «nacional cançonetismo». O Marco Paulo sucede ao Cid, o Cid sucede à Larali, a seguir à Larali vem a Florência e a Branca Flor, após o que vem o Cid, o Marco Paulo, o Rodrigo, novamente a Florência, a Larali, o Rodrigo, o Marco Paulo — socorro, ó da guarda, quem me acodel!

3 — Os cançonetistas comprometidos com o 25 de Abril foram ostensivamente afastados da televisão. Tal como a televisão não fala dos trabalhadores e do povo alentejano, em geral, também fecha as suas portas aos artistas solidários com a Reforma Agrária, ou seja, solidários com o futuro.

4 — Com a AD, a boa maneira fascista, muitos portugueses vivem exilados... em Portugal. Para ela, artistas como Zeca Afonso, Carlos do Carmo,

Luis Cília, Sérgio Godinho, Samuel, etc., etc. pura e simplesmente não existe. São duplamente «criminosos»: porque são bons e porque são progressistas.

5 — Por estas e por outras é que, quando morreu Adriano Correia de Oliveira, não havia um único programa seu na televisão portuguesa que pudesse dignamente recordá-lo...

6 — A acção nefasta da televisão processa-se a vários níveis. Sinceramente, fiquei muito espantado quando tive conhecimento de que se organizara um debate para discutir, a propósito do filme «Network», as relações entre a televisão e a sociedade. Recordamos que o filme tivera em Portugal o título «Escândalo na TV». A crítica estaria representada por Correia da Fonseca, crítico de Televisão de «o diário».

Correia da Fonseca exerce a crítica de televisão há 14 anos, se não estou em erro. Modelo de dignidade, nunca se vergou à injustiça, à mentira, ao medo. Era um exemplo incómodo — e por isso, à ordem de Caetano, foi despedido da «Capital» onde durante vários anos escreveu suas críticas todos os dias, sem aquele mínimo de descanso semanal a que todos os trabalhadores tem direito.

Transferiu sua coluna de crítica para o «República» e também aí, já depois do 25 de

Abril, a dupla Raul Rego-Vitor Direito não apreciaram muito a sua verticalidade, a sua independência. Finalmente, o seu combate por uma televisão mais digna e de maior qualidade continua hoje em «o diário».

7 — Seria de desejar que se aproveitasse a presença de Correia da Fonseca na televisão para se discutir a responsabilidade da TV num país de tantas carências culturais como o nosso. Pois não senhor! Uma sujeitinha guindada por artes de berliques e berloques, à direcção de programas transformou a sessão num ataque à crítica e propriamente do filme e das relações entre a TV e a sociedade pouco se falou, e mesmo assim por iniciativa... de Correia da Fonseca.

8 — A sessão não passaria sem a marca da anedota. Foi quando um sujeitinho que estava à beira da sujeitinha declarou que a televisão tratava igualmente todas as forças políticas...

A coisas destas, claro, só se pode responder — com uma gargalhada.

9 — Voltamos ao Natal. Como prenda ao povo português, a notícia da demissão de Pinto Balsemão. Depois disso, a RTP começou, a fundo, a fazer campanha pelo Mota Pinto.

Pinto a suceder a Pinto? Então como é? Estão a continuar Portugal com uma capoeira?...

Rascunhos

Já aqui falei uma vez da minha mania das palavras cruzadas. Muitas das pessoas das minhas relações me tocam com frequência, à mesa do café, às voltas com os problemas das revistas especializadas ou dos jornais periódicos. E há quem me diga que sou um campeão

ou que dou cabo da cabeça na busca das soluções. Nem uma coisa nem outra. Divirto-me, distraio-me. Isto das palavras cruzadas é uma válvula de escape para muita coisa.

Ao preencher as quadrículas vazias sinto-me bem e tantas vezes este esforço me faz re-

lembrar coisas que tinha bem guardadas na arca bafienta das inutilidades antigamente úteis. Uma palavra faz-me lembrar um nome de alguém cuja companhia me agradava, outra recorda-me algo de belo que vi, outra até me reporta a memó-

continua na página 6

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino: NUNO BARBOSA

REDACTORES — António Afonso, João Barrosa, Jorge Lopo e Moreira da Costa
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos e Joaquim Peito
 COLABORADORES — Carlos P. Morais, Carlos Rosas, Fernando Tomás, José d'Alte Pinho e Victor Sousa
 PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa, Manuel Fonseca e Victor Sousa
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), Fernando Fernandes (Anta), Henrique Ribeiro (Fiães), Joaquim Devesas (S. Félix Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
 Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
 Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
 Tiragem deste número: 2.000 exemplares

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

JANEIRAS DO CPE

Festa Final já no Sábado

Como novidade das Janeiras deste ano, registe-se a excelente recepção manifestada pela população de Guimarães que, na noite do passado dia 23 teve a oportunidade de assistir ao fim do trabalho contínuo do CPE Popular de Espinho ao longo dos últimos anos. Mas também na nossa cidade a iniciativa voltou a colher o agrado geral; para isso terá concerteza contribuído o facto de, este ano se terem introduzido algumas novidades, como por exemplo, a realização de um auto que inclui a movimentação de bonecos de tradição natalícia movidos por um sistema de realjo. Contudo, nem sempre as coisas são como se gostaria que fossem...

«Podemos afirmar que as «Janeiras» decorreram na continuidade dos trabalhos efectuados nos anos anteriores e, portanto, globalmente correram bem. Na minha opinião pessoal, o único senão terá sido o empenhamento cada vez menor dos sócios da Cooperativa e de outras pessoas de Espinho, algumas com responsabilidades a nível cultural (que as deve haver), em qualquer dos diversos níveis de trabalho que o coro

desenvolve. Isto não é válido só para as «Janeiras» mas também para tudo aquilo que fazemos ao longo do ano», declarou-nos Rafael Tormenta, um dos responsáveis pela coordenação do CPE, ao jeito de balanço. E continuou:

«O Coro Popular de Espinho (e isto, insisto, na minha opinião pessoal de um mero coordenador) corre o risco de se extinguir, isto num processo que se tem vindo a agravar nas duas últimas épocas. O nosso problema fundamental é a falta de gente; mas também falta de gente que trabalhe. Os elementos do coro estão absolutamente sobrecarregados de trabalho e começam de certa forma a

manifestar algum cansaço em relação à nossa actividade, o que, aliás, é perfeitamente compreensível. Este ano, durante as «Janeiras» mais concretamente nas últimas saídas, o coro tem vindo a cantar, sem qualquer tipo de adereço ou inovação, por falta de gente, por exemplo, para levar o «realjo». Quando não houver gente para cantar, não se canta...»

Aqui fica, pois, a radiografia de uma situação para que quem de direito tome as medidas necessárias e para que, quem quiser participar nas «Janeiras» e em toda a actividade do CPE verifique quanto a sua presença é necessária.

A FESTA FINAL

«Embora não seja eu o responsável por essa iniciativa, adiantar que a festa final das «Janeiras», que será no próximo sábado, vai iniciar-se ao fim da tarde e prolongar-se-à para a noite, começando na rua e terminando no Salão da Piscina. Constará de canções de «Janeiras» e de tradições populares, por exemplo, a eleição do Juiz

do Ano Novo, os Mascarados, etc. Contamos ainda com a presença de um grupo de 22 tocadores de cavaquinho vindos da região de Braga» concluiu Rafael Tormenta. Adiantamos nós que a entrada para festa final é livre, sendo durante o espectáculo pedidas as «Janeiras».

No registo da Polícia

No dia 27 do corrente, ocorreu um acidente, em Tabuaça-Espinho, em que foram intervenientes o veículo conduzido por Marília de Sousa Lopes, residente no Hospital de Gaia, e o velocípede simples de Carlos da Silva Couto, residente em Grijó. A registar danos em ambos os veículos, tendo o Carlos Couto recebido tratamento no Hospital local, sendo posteriormente transferido para Gaia, onde foi internado.

Por outro lado e também no dia 27, o menor de 4 anos, Vasco Octávio da Fonseca Fer-

reira dos Santos, foi colhido por um automóvel conduzido por Maria Fernanda Baptista Carneiro, residente em Lourosa, que circulava na Av. 24. Transportado ao Hospital, o Vasco, que sofreu de poli-traumatismo, recebeu tratamento, voltando de imediato para sua casa.

Ainda no mesmo dia, um outro atropelamento. Desta feita, também na Av. 24, o ligeiro conduzido por Joaquim da Costa Sousa, residente no Bairro Piscatório, atropelou Albertina Sá dos Reis, residente em S.

João de Ver, que sofreu ferimentos ligeiros.

Entretanto no dia 30, foi detido, na estrada Nacional 109, Daniel Dias Gonçalves, de Esmeriz, por conduzir um ligeiro de passageiros sem que para isso estivesse munido de carta de condução.

Por motivo idêntico foi também capturado, na rua 23, junto ao cinema S. Pedro, Francisco Gonçalves de Oliveira, residente em Cabeceira de Basto.

No mesmo dia e por ter injuriado e insultado um agente da lei, na rua 21, foi conduzido ao Posto da Polícia, José Carlos Figueiredo Gonçalves, residente no Porto. Foi notificado para comparecer no Tribunal.

ESPINHO / TELEX

* Era uma vez uma daquelas senhoras que gostavam de ir a sítios «chiques», e para isso arranjava-se toda; vestidos cumpridos, sapatos altos, casacos de peles e demais adereços do rosto.

Certo dia, em que o céu era límpido e as estrelas brilhavam na noite (você estão a ver), lá ia ela a um desses lugares e, com toda aquela preocupação de ver quem a olhava, enfiou o tacão, que era bastante fino, numa abertura (qual? — mistério!) e caiu. Vendo, a senhora, a sua grande noite estragada, julgou que ali havia más intenções e contratou um detetive.

Foi então que esse senhor, o da lupa, se pôs a investigar e viu que a sua cliente se dirigia para o Casino de Espinho e... (poderíamos só desvendar para a semana, mas não) nada mais simples; tinha tropeçado naquela passadeira que ali colocaram. Vá lá e veja, ao vivo, o local do «crime».

Muitas casas, em Espinho, se têm deitado abaixo, algumas ainda em boas condi-

ções de habitação, para dar lugar a pomposos prédios de vários andares. Agora ruir uma varanda, com todos os perigos que isso representa, não é coisa que, felizmente, aconteça com muita frequência. Mas desta vez sucedeu. Foi na passada terça-feira, dia 4, nas instalações da Caixa de Previdência, rua 31, onde caiu parte do parapeito da varanda de um 1.º andar.

De facto, não sendo um prédio que se possa considerar velho, constata-se que o estado das varandas, dos seus 3 andares não é muito seguro e corre riscos de, a todo o momento, se não se tomarem as necessárias providências, virem todas abaixo.

A reforçar esta ideia as palavras que ouvimos da boca de um trabalhador que ali se encontrava, dizendo para um colega que tinha medo de estar a trabalhar naquelas condições porque aquilo podia de repente, cair. «A única solução é isto tudo ir abaixo», dizia.

Uma solução urgente para o assunto, é o que se quer já que aquele é um local onde transita muita gente.

Mantenha a Cidade Limpa



«Mantenha a cidade limpa». Com este «slogan» e com a gravura (em cima) você fica logo a saber o que pretendemos. Mas... gostaríamos de dizer mais qualquer coisa. E a primeira, é que não foi logo que vimos um contentor do lixo a

«abarroter», que resolvemos transpor a situação no nosso jornal. Foi essencialmente porque esta, é uma visão constante em Espinho, de todos os dias e em vários locais. E, é precisamente isso que nos deve preocupar.

Tomada de Posse da Santa Casa da Misericórdia

Ocorreu, no passado dia 2 de Janeiro, pelas 12 h., a tomada de posse dos membros, eleitos em Assembleia Geral, para os Órgãos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Espinho.

Como Presidente da Direcção, o nome do advogado Amadeu Alves Moraes, tendo como vice Luciana Moreira de Fi-

gueiredo Marques e 1.º Secretário José Domingues de Oliveira. O Tesoureiro é José Manuel Sardal de Melo Abrantes.

Entretanto fica a presidir à Mesa da Assembleia Geral o Dr. Henriques Neves Estima, e o Conselho Fiscal, como Presidente tem José António da Silva Soares.

Casa especializada em artigos para Noivas

Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

Pinto de Matos

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças dos Ossos — Articulações

2.ªs FEIRAS:
Consultas para Crianças

4.ªs E 6.ªs FEIRAS:
Consultas para Adultos

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
ESPINHO

SOFRE DE SURDEZ?

A Philips ajuda-o a ouvir.

Nova série de aparelhos auditivos Philips

Experimente um dos novos modelos de captação frontal
Com as últimas inovações técnicas em prótese auditiva
Gratuitamente faça o teste de ensaio em:

3.ª feira, dia 11 de Janeiro

ESPINHO — FARMÁCIA TEIXEIRA

Junto ao Hotel Praiagolfe — das 11,30 às 12,30

CENTRO AUDITIVO

Rua da Prata, 227-1.º — Tel. 362105 — 1100 LISBOA

1982 EM ESPINHO:

PODER LOCAL

— ALGUMAS CERTEZAS, BASTANTES DÚVIDAS

As questões ligadas à acção do Poder Local foram durante o ano que terminou um dos grandes temas que despertaram o interesse dos espinhenses mais atentos. Para isso não faltaram motivos, por vezes até com o aliciante das tricas pessoais, dos ataques mais ou menos directos e personalizados. Quem não recorda o diferendo Câmara-Solverde, vivamente particularizado na polémica Fonseca-Violas? A possível prorrogação da exploração da zona de jogo, e os seus «casos» paralelos do Parque da Cidade e Complexo Desportivo foram alguns dos temas mais discutidos pelos vários níveis do Poder Local durante 1982, e que dada a sua não resolução transitam para este ano, na certeza de que muita tinta ainda farão

correr.

Mas outros assuntos mereceram igualmente destaque: a construção clandestina, que viu aprovada por unanimidade uma proposta na AM para se ensaiar a sua resolução, mas que na prática continua como dantes. A discussão em volta das dívidas dos Serviços Municipalizados à EDP e a questão do aumento das tarifas de electricidade, igualmente por decidir em definitivo, etc. Falhas, houve-as e não foram poucas: desde a deficiente coordenação da acção da Câmara, Assembleia Municipal e Juntas à ausência de uma perspectiva global de acção no concelho nos sectores essenciais; do discutível funcionamento do executivo municipal enquanto equipa

de trabalho, mesmo que se saliente o lado positivo das liberações quase sempre por consenso unânime, até ao comportamento menos aceitável de alguns dos eleitos para representar a população. Finalmente, a quase cega insistência desses órgãos em não tomar posição perante questões de política mais geral, que sendo de âmbito nacional nem por isso deixaram de ter reflexos por vezes muito directos nas questões de interesse local. Ressalve-se, a terminar, o aspecto positivo fundamental que constitui o simples facto de termos tido órgãos eleitos pelo povo a funcionar democraticamente, vitória por si só bem valiosa, mas a que urge dar o devido sentido e valor total.

UM ANO DE DIFERENDOS

Ao longo do ano, o cidadão foi atraído para determinados temas locais que, por tomarem por vezes a forma de diferendo muito vivo, despertaram o interesse sempre certo que as situações de polémica em geral provocam. Quem não se recorda da grande discussão em torno dos terrenos para o parque de campismo de Sales, que levou à movimentação de proprietários locais, com o nome sonante de Manuel Violas à frente? E a questão do Estádio, igualmente arrastando consigo paixões e movimentações várias? Ou ainda o celebrado caso da zona de jogo, que levou a inesperados desenvolvimentos da política local e tornou conhecida dos espinhenses a controversa personalidade de Nandim de Carvalho? Tudo isto a envolver na polémica e no jogo de in-

teresses uma Câmara Municipal e um grande industrial, estando ainda por se saber quem levará a melhor. Para já, sabe-se que em tribunal Violas venceu Fonseca, mas como se viu mais tarde de muitas outras batalhas foi sendo feita aquela guerra.

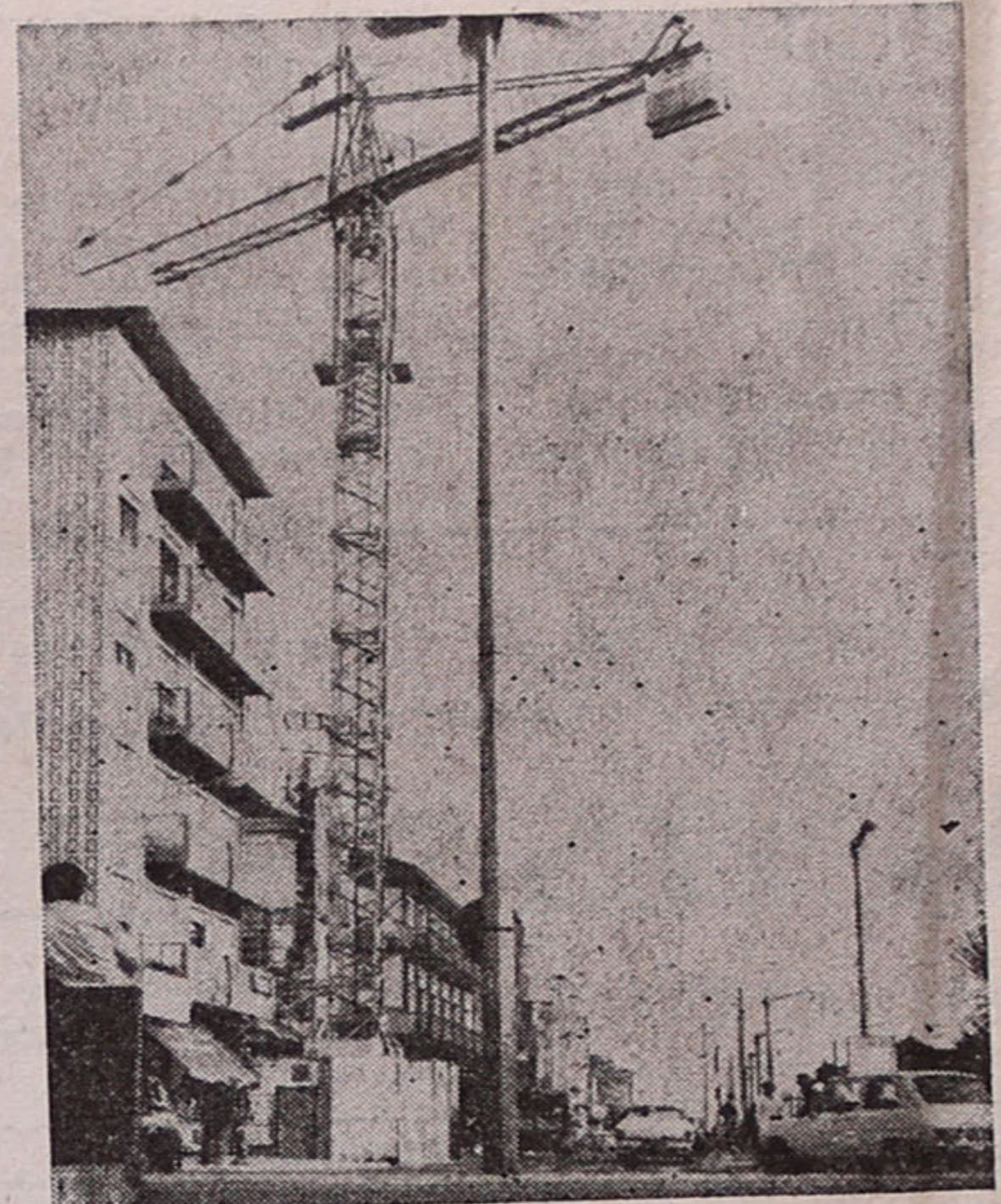
Noutro âmbito, o mais directamente político e partidário o grande diferendo do ano foi sem dúvida o que levou ao desentendimento entre o PSD e o CDS, que motivou o desaparecimento da AD das eleições para as autarquias, e facilitou com isso a alteração de forças nos órgãos autárquicos. Mas mesmo dentro dos partidos que se identificam com a AD houve polémicas e confusões várias, que provocaram algum rasgar de cartões e mudanças de cor

partidária, bem servidas por cartas e entrevistas que ao longo dos meses alimentaram uma polémica que em Dezembro estava madura. Mas houve mais: o diferendo surgido na Junta de Freguesia de Espinho, com o cortejo de moções protestos e contraprotostos que provocou. E, como não podia deixar de ser, o já tradicional diferendo com a CP, desta feita a propósito da passagem da via férrea a quádrupla. Para terminar, e ainda no sector dos transportes, uma referência ao desentendimento surgido entre as forças representadas na AM a propósito da construção da Avenida 32, que transitou para este ano e que promete continuar a dar que falar. É que de diferendos estamos bem servidos, a provar que a discutir ninguém nos bate.

SÍNTESE

assunto do ano: a questão da zona de jogo
boa notícia do ano: abertura da estrada Espinho-Granja
certeza do ano: atraso nas obras do Ciclo Preparatório
promessa do ano: o Estádio Municipal
perda do ano: encerramento do Cinema S. Pedro
escândalo do ano: Governo Civil de Aveiro contra associações culturais
ameaça do ano: aumento das tarifas da electricidade
«boca» do ano: 27.000 contos para a fábrica Lopes da Cruz
inauguração do ano: inevitavelmente, o novo casino, com todo o cortejo de situações que arrastou
crise do ano: PSD vs. CDS, ou um empate sem golos
«buraco» do ano: a temida rotura financeira da Câmara
dívida do ano: 250.000 contos à EDP
facto político do ano: eleições autárquicas
frase do ano: «Eu f... a todos», Nandim de Carvalho em «amigável» troca de impressões com Marçal Duarte a propósito da prorrogação da zona de jogo.

A MUDANÇA NA CIDADE



Falemos agora da cidade, ela própria: em que foi alterada na sua fisionomia, na sua imagem, durante o ano que passou? A este nível, o mais notório foi a continuação de um surto de construção habitacional que já vem de trás, ainda que paíre sempre a dúvida de saber a quem se destinam os andares que vão ficando prontos, tão elevado é o preço da sua venda.

O certo porém é que basta subir a rua 19, por exemplo, para o mais desatento ficar a pensar que com tanta construção em Espinho o problema da habitação é coisa inexistente. E a cena repete-se um pouco por toda a cidade, quer ocupando terrenos ainda devolutos, quer demolindo para construir de novo. Na zona da baixa, a

paisagem urbanística é hoje radicalmente outra da que era há bem pouco tempo, com a conclusão da construção do casino e o aparecimento daquele monstro que dá pelo nome moderno de apart-hotel. E se mais «progresso» não se regista é porque ainda vai havendo alguma dificuldade na obtenção das autorizações para construir de qualquer maneira e feito. Com isso talvez Espinho perca a possibilidade de vir a dispôr da sua Torre de Pisa ou da sua Ópera de Sidney, conforme alguns lamentarão, mas ganhará por certo na conservação possível de uma qualidade de vida que corre o risco de se degradar definitivamente se não houver uma política urbanística criteriosa.

JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º
Telefone 720093
ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

**ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES**

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722764
4508 ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

SUPLEMENTO DESPORTIVO

maré viva

N.º 3
JANEIRO
1983

**Impasse
directivo
na Académica**

**"Agora
arrenjem-se!"**

Não são de hoje as dificuldades da Associação Académica de Espinho em assegurar o preenchimento do seu elenco directivo, facto a que aliás a maior parte dos clubes não se consegue furtar.

O que é menos vulgar é que, face às dificuldades de sucessão, a Direcção a substituir não se disponha a assegurar a gestão do clube até ser encontrada uma solução definitiva. Foi o que aconteceu desta feita na AAE, depois de duas sessões de Assembleia Geral improficuas. Talvez numa atitude de desforço em relação a críticas internas no clube, a Direcção e, em particular o seu presidente, tomaram a iniciativa insólita de entregar as chaves, num «agora arrenjem-se!», cujo julgamento deixamos aos leitores.

Há no entanto que ressaltar a atitude dos directores arq. António Veiga de Macedo e António Catarino, que se dispuseram a integrar a comissão de gestão interina, simultaneamente encarregada de arranjar uma nova direcção. Para além daqueles dois elementos, têm integrado os trabalhos da comissão o arq. Jerónimo Reis, Fernando Meneses, José Milheiro e Luís Gonzaga. Esperamos que os seus esforços sejam compensados brevemente.

**Relva
foi semeada
na 3.ª feira**

Na sua última reunião, a Câmara cessante deu um importante contributo para a minoração das dificuldades financeiras com que se debate o Sp. Espinho ao aprovar, por unanimidade, a concessão dum subsídio de 1500 contos para o arrelvamento do campo da Avenida.

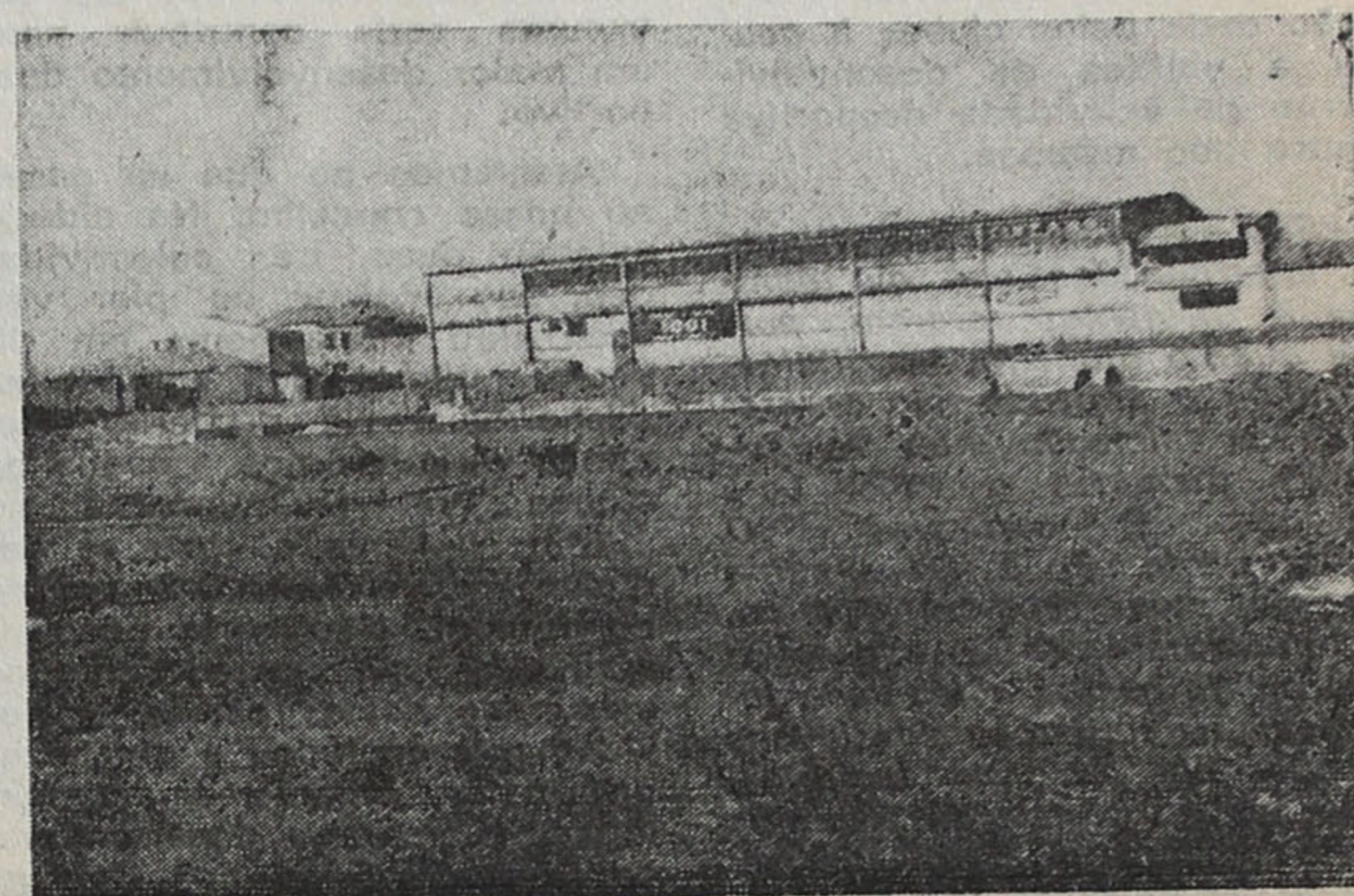
Até aqui, a Câmara não tomara qualquer iniciativa nesse sentido dada a previsível indisponibilidade do seu orçamento, mas afinal o atraso de diversas obras municipais entregues a empresas de construção levou ao adiamento de pagamentos, pelo que, afinal, passou a haver verba disponível.

Aliás, os 1500 contos já haviam sido incluídos no orçamento suplementar, para subsídios a colectividades, pelo que a iniciativa do vereador da APU Casal Ribeiro, propondo a dotação daquele montante ao Sp. Espinho, encontrou todo o acolhimento dos demais vereadores, entre os quais aliás já se tinha estabelecido um consenso quanto ao destino dos 1500 contos, caso estivessem disponíveis.

**Câmara "entra"
com 1.500 contos!**

Em contacto com o presidente do SCE, José Fonseca, pudemos saber que, naturalmente, este dinheiro «fazia muito jeito», mas que não significa ainda, infelizmente, a resolução de todos os compromissos assumidos com as obras no campo. «Só para a brita temos de pagar 2200 contos», disse-nos, adiantando que os esforços do clube se dirigem também para a construção da nova bancada. «Esperamos outros apoios, para além dos 750 contos que recebemos da Federação e que constituem uma parte do subsídio total: da participação do Estado, face à apresentação fundamentada dum orçamento para a bancada, e da possível contribuição da Secretaria de Estado do Emprego em função da criação de postos de trabalho com a sua construção».

Quanto à relva, foi finalmente semeada na passada terça-feira, depois de sucessivos adiamentos devidos à chuva, e é de esperar, de acordo com o que tem acontecido com o arrelvamento de outros campos, que dentro de 3 meses o relvado esteja praticável.



**DIFERENDO COM A
SANJOANENSE?
NEM FUMO, NEM FOGO...**

Correu durante a semana um boato que dava conta de um contencioso entre a Sanjoanense e o SCE, por presumível não satisfação pelos espinhenses dos 10% de receitas acordados.

«Não tem qualquer fundamento», esclareceu José Fonseca. «Tem havido, isso sim, algumas dificuldades quanto a horários de treinos, que nem sempre são conciliáveis. A Sanjoanense tem natural prioridade e por isso, por exemplo, para o jogo com o Salgueiros, não foi possível ao SCE treinar no campo Conde Dias Garcia».

**Palmira Castro
e o que
a prende
no Sp. Espinho**

— Página IV

**Escola de Futebol
do Sp. Espinho
funciona
no campo
do Rio Largo**

— Página III

**Há 30 anos,
Juniore
"do Hóquei"
quase campeões**

— Página II

RESTAURANTE

O PADRINHO

SNACK-BAR

COLABORA COM O DESPORTO

**Faça-nos uma visita
e aprecie
os deliciosos pratos**

2.ª feira - Rancho à caçador

3.ª feira - Rejões à lavrador

4.ª feira - Tripas à moda do Porto

Domingo - Cozido à Portuguesa e bacalhau à Zé do Pipo

5.ª feira - Bacalhau à Braz

6.ª feira - Orelheira com feijão

Sábado - Chispe à transmontana



Av. 24 n.º 697 - Tel. 720665

ESPINHO

O DESPORTO E OS CLUBES (3)

Dinamização e apoio aos clubes, necessário ao desenvolvimento desportivo

— Valerá a pena investir em Escolas de Formação a favor de clubes alheios ?

Não é raro ouvir responsáveis quer dirigentes quer técnicos dos clubes interrogarem-se se valerá a pena o esforço de manutenção de escolas de formação e iniciação quando se corre o risco de investimento feito ser aproveitado por colectividades alheias. É uma realidade que pesa muito na orientação dada pelos clubes à gestão e política de desenvolvimento da actividade desportiva dentro dos mesmos.

«São verdadeiras e legítimas as interrogações que os técnicos e dirigentes referem, porque quanto dinheiro, sacrifícios, carinhos e amizade são empregues na iniciação dum desportista» dizia-nos o Prof. Luís Resende. E continuava «O investimento não é tão somente material como também afectivo. O empenhamento e esperança que os dirigentes e técnicos investem, na formação dos jovens resulta em esforço inglório». Mas há o reverso da medalha como concluiu o Prof. Luís Resende «Parece-me também legítimo o direito que o atleta tem de opção, quando do «outro lado» aparecem melhores condições de trabalho, dinheiro e maior projecção».

Por outro lado, as enormes dificuldades financeiras que os clubes sentem, para manter um

determinado ecletismo que seja garante das legítimas aspirações da população que serve á prática desportiva, cortam a possibilidade de muita gente poder praticar desporto. Só uma maior dinamização e apoio aos clubes, devidamente enquadrada num tipo de acções mais amplo que abranja outro tipo de estruturas pode contribuir para um maior desenvolvimento desportivo.

Atentemos no que se passa no nosso concelho. Na cidade existem duas, três colectividades que melhor ou pior vão acolhendo muita gente em diversos tipos de actividades desportivas. Na periferia existem variadíssimos pequenos clubes (ver levantamento no último suplemento) que se dedicam exclusivamente à prática do futebol. Não seria possível aproveitar as potencialidades existentes nestes clubes, e devidamente apoiados e dinamizados pelos organismos competentes (Câmara e departamento da Direcção Geral dos Desportos) levá-los a alargarem a sua actividade em benefício dum maior número de pessoas?

A escala nacional verifica-se da mesma forma que o desporto não estará tão generalizado quanto seria de desejar. São reais as razões por vezes apontadas:

1 — Carência de instalações desportivas, e um fomento desportivo virado para as necessidades imediatas das populações com o consequente apoio financeiro para a construção das instalações necessárias, sem dispêndios exagerados em estádios ou Pavilhões o que economicamente seria impossível, mas com as estruturas mínimas para a movimentação desportiva.

2 — Mau funcionamento das estruturas do Desporto escolar fundamentalmente a nível de ensino primário.

3 — Falta de motivação dos jovens para a prática desportiva mesmo quando possuem as condições mínimas para a desenvolverem.

Teremos necessidade de concluir o seguinte, dizia-nos o prof. Luís Resende: «A actividade desportiva organizada exige enquadramento directivo e técnico, assim como instalações e material. Isto só (em quantidade insuficiente) nas Escolas ou nos clubes.

É também verdade que a nossa Constituição refere que o desporto é um direito de todos. Desta forma também podia garantir uma casa para todos... que a quisessem pagar. Para assumir de facto as suas obrigações encarando a realidade do momento, o Estado devia assumir toda a iniciação e formação desportiva através do desporto escolar e subsidiar os clubes que se empenham na

OS BONS VELHOS TEMPOS

Lembram-se destes Juniores do Hóquei em Patins ?

Vai fazer 30 anos (foi em 1953), a equipa de juniores de hóquei em patins da Académica de Espinho escreveu uma das páginas mais brilhantes da história do clube, fazendo uma época de grande nível, a que só faltou, por pouco, a conquista do campeonato nacional. A carreira da equipa foi assim recordada pelo então jornal da Associação Académica de Espinho «Rumo»:

«Terminou o Campeonato Nacional de Juniores com a vitória do Sporting de Oeiras, igualado em pontos à Académica, mas beneficiando de ter vencido nas duas voltas. Eis a classificação geral:

	J	V	D	Golos
1.º — Sp. Oeiras	6	4	2	21-11
2.º — Académica	6	4	2	17-14
3.º — H. Sintra	6	3	3	12-10
4.º — Sanjoanense	6	1	5	6-21

Melhor do que quaisquer comentários, os números traduzem a magnífica actividade dos nossos juniores em toda a sua intensidade.

Dos 32 jogos que disputou, venceu 25, empatando 3 e perdendo 4, com 224 golos marcados para 68 sofridos. Os marcadores dos golos da Académica foram: V. Brandão (137), G. Almeida (53), Godinho (23), Moreira (5), Natário (5) e Castro Lima.

Nos 16 jogos do Regional, os jovens oquistas venceram 14 jogos, empatando com o Infante e o Paredes, com 140 bolas marcadas para 33 sofridas.

Em 10 jogos a contar para o Nacional venceu 7, empatou 1 e perdeu 2, com 40-19 em golos. Na taça Horacito teve 3 vitórias e uma derrota com o Infante (2-4) e fez 28-11, conquistando a taça em disputa. Nos dois jogos particulares efectuados, perdeu com o Paredes por 2-3 e venceu o Famalicense por 14-2.

O maior resultado foi na fase inicial do Regional, perante o Vigorosa, com o resultado, ao fim de 30 minutos de jogo, de 26-0. Neste encontro, à sua conta, Vladimiro Brandão marcou 17 tentos.»

iniciação e formação dos jovens. Porque demasiado complexo este assunto merece ser tratado com mais profundidade. Prometemos voltar ao assunto.

ESTA SEMANA

ESPINHO, 1 — SALGUEIROS, 1

Futebol? Qual quê!

Nem sequer futebolzinho!

Mais uma vez (e começam a ser demais) o SCE não conseguiu cumprir o objectivo de ganhar, num jogo em que isso lhe era pedido, para não dizer «exigido». Num «penalty», logo aos dois minutos, por culpa sobre Moinhos e transformado por Mória, se resumiu afinal toda a agressividade dos espinhenses, que durante todo o resto do jogo não criaram uma única ocasião de golo. Agresivos, foram-no sim os salgueiristas, se bem que noutro sentido, que A. Rodrigues, sem categoria, deixou correr durante os 90 minutos. Porque se alguma coisa têm os «tigres» a lamentar foi a triste exibição do juiz no aspecto disciplinar, demasiado complacente com as sucessivas entradas «a matar» dos portuenses (que aliás nada mais mostraram) e que veio a tornar ainda mais feio um jogo que em si já pouco tinha de bonito.

Três «amarelos» a salgueiristas (dois deles a merecer outra côr) e um amarelo a Balacó (por falta que nem sequer fez) resumiram a actividade do presumível condutor da partida.

Voltando ao Espinho, não se pense que teve pela frente uma defesa muito coesa, muito difícil de ultrapassar e que só por isso os avançados espinhenses não conseguiram melhor do que um golo. Se isso foi, em parte, o figurino da 2.ª parte, o alibi não é suficiente, pois nem por sombras se pode dizer que o Espinho tenha feito algo de construtivo para chegar à baliza de Barradas. Aliás, durante toda a primeira parte, que haveria de acabar com o golo, fortuito, dos salgueiristas, os avançados espinhenses dispuseram de muito espaço para construir jogadas de ataque e raramente o conseguiram. Aliás, foi notório o desequilíbrio da produção de

jogo, pois se João Carlos apoiava um Moinhos (inexistente), lá pelo lado direito, Vitorino esteve todo o encontro esquecido, lá no lado esquerdo, o que não é difícil de perceber, se se disser que Salvador, que com ele melhor poderia combinar, andou quase sempre a fazer companhia a Raul, no lugar de defesa esquerdo. Isto enquanto jogou, pois na segunda parte esteve no campo a «fazer nada». Se acrescentarmos que Carvalho

raramente acertou um passe, estará explicada a inépcia conflagradora desta equipa que em 14 jornadas «já» marcou 9 golos.

As substituições, na 2.ª parte, não vieram resolver nada, já que Pinto da Rocha nunca jogou o que João Carlos, mesmo «estourado», poderia ter jogado, e Salvador foi para o campo fazer o mesmo que Mória andava a fazer: quase nada.

As ressalvas terão de ir, nes-

te panorama confrangedor, para a entrega de João Carlos, Balacó, Serra e, fundamentalmente, Dinis, que foi quem mais remou contra a maré e sempre com a mesma coragem, apesar de ter sido repetida e violentamente castigado por portuenses com hábitos de segunda.

O SCE alinhou: Mendes; Dinis, Serra, Balacó e Raul; João Carlos (Pinto da Rocha), Carvalho e Salvador; Moinhos, Mória (Salvado) e Vitorino.

OUTROS RESULTADOS

VOLEIBOL

Nacional da 1.ª div. — Zona Norte

F. C. Porto, 1 — Sp. Espinho, 3
Leixões, 3 — Acad. Espinho, 0

Nac. 1.ª div. feminino

Sp. Espinho, 3 — Esmoriz, 0

Iniciados

SCE, 3 — Gueifães, 0
Gueifães, 0 — SCE, 3

Juniores

SCE, 3 — Leixões, 0

HÓQUEI EM CAMPO

1.ª Divisão

AAE, 0 — U. Lamas, 3

HÓQUEI EM PATINS

Iniciados

AAE, 6 — Acad. do Porto, 3

Infantis

AAE, 2 — Acad. do Porto, 3

Futebol também se aprende

Apesar de tudo, Escola de Jogadores do Sp. de Espinho continua a funcionar

Carlos Fonseca tem actualmente 35 anos. Faz parte da Direcção do Sporting de Espinho e é o responsável pela Escola de Jogadores do Clube. Foi praticante da modalidade nos «tigres» em 1963, representando a categoria de juvenis. Depois, por razões de saúde, teve de deixar a prática da sua modalidade preferida. Mas o «bichinho» do futebol ficou com ele: a seguir ao 25 de Abril foi responsável por uma acção de dinamização do futebol infantil no Bairro Piscatório. Hoje é ele o continuador duma obra que Meireles iniciou — a Escola de Jogadores. Arrostando com todos os problemas que a falta de um campo «a sério» lhe traz. E não só com essa carência, como adiante se verá.

CAMPO DO RIO LARGO A ÚNICA ALTERNATIVA

Como se sabe o SCE não dispõe de campo próprio, devido às arrastadas obras de arrelvamento do Avenida. Isso já custou ao clube, na época presente e para além do mais, a suspensão da actividade das categorias juvenis e juniores de futebol do clu-

be. No entanto, a Escola de Jogadores continua a funcionar. Com um treino semanal no Campo do Rio Largo, e um outro treino teórico nas instalações do Campo da Avenida, cerca de 70 miúdos, dos 7 aos 12 anos vão-se iniciando nos segredos do desporto mais amado neste país que somos. «O ano passado eram mais do dobro! — diz-nos Carlos Fonseca — mas a falta de instalações e mesmo a ideia de erradamente se instalou nos espíritos de certas pessoas de que o futebol infantil do Espinho ia acabar, afastou muita gente!»

Mesmo assim é vê-los! Sete dezenas de putos, aos sábados, no Rio Largo, a mostrarem aquilo que valem. Futuros craques? Talvez sim, talvez não! Recordemos que desta escola já saíram alguns elementos de valor no panorama futebolístico espinhense — João Carlos, Malheiro, Victor Manuel, Abreu, Hermínio e Armindo, entre outros.

O QUE REALMENTE INTERESSA

«As Escolas são, em parte, o local onde se vão

captar futuros jogadores do SCE. Mas o princípio que preside à minha actuação não é só esse! Penso que o que interessa é pôr as crianças a praticar desporto, independentemente da maior ou menor habilidade que tenham!

Presentemente, a proveniência dos miúdos que frequentam a Escola de Jogadores é muito variada. Eles vêm um pouco de todo o concelho e de todos os estratos sociais. Nada pagam de inscrição, e o Clube fornece-lhes equipamentos, assistência médica e material desportivo. As condições para trabalhar é que não são as melhores. Além do subsídio de 15 contos da DGD, pouco mais temos!» 15 contos, acrescentemos, por ano!

Mas, apesar de tudo isto, a coisa vai andando. Em fins de Fevereiro começará mais um Campeonato de Futebol Infantil organizado pela Associação de Futebol de Aveiro, competição em que, na época transacta o SCE obteve o 3.º lugar. Entretanto, em Setembro passado, a equipa espinhense do Escalão B (dos 10 aos 12 anos) foi terceira num torneio realizado em S. Fé-



«O fundamental é pôr as crianças a praticar desporto»

lix da Marinha, enquanto que os miúdos do escalão A (dos 7 aos 10 anos) se sagraram campeões da mesma competição.

E O FUTURO?

«É um bocado complicado!, diz Carlos Fonseca «Mas partindo do princípio de que para o próximo ano funcionarão de novo os escalões infantis e juvenis, talvez o futuro seja um pouco mais risonho! Porque isto de estar a fazer futuros jogadores, que a curto prazo irão vestir outra camisola, que não a do SCE, é um pouco frustrante! Só como exemplo, este ano quatro iniciados do Espinho estão, como efectivos na equipa do Futebol Clube do Porto! Esperemos que as coisas melhorem!»

E por aqui ficamos. Esperemos que a Escola de Jogadores do SCE vá mais longe.

DEZEMBRO

Alguns títulos a assinalar

As festas natalícias e de Ano Novo quebraram um pouco o ritmo das diversas competições desportivas, mas nem por isso coisas importantes deixaram de acontecer neste mês de Dezembro.

Enquanto no futebol o Sp. Espinho prosseguiu a sua carreira esquisita, quase todas as outras modalidades cumpriram o primeiro folêgo dos calendários da época. Falamos naturalmente da conclusão de regionais e torneios de abertura em que estiveram envolvidos o voleibol, o andebol e o hóquei em patins.

No voleibol, há que destacar a conquista de título regional por três equipas: os seniores da AAE, que venceram o regional da II Divisão (são agora primodivisionários nacional e regionalmente), e os juniores e iniciados do SCE que venceram as respectivas categorias, prometendo a continuação de êxitos nos nacionais que agora se iniciam.

No andebol, enquanto os seniores pugnam pelo desejado 4.º lugar na fase norte do nacional, as seniores femininas concluíram no 1.º lugar a fase de apuramento do nacional. As juniores acabaram o torneio de abertura num bom 2.º lugar, igualadas em pontos com o vencedor.

Bom comportamento também para a generalidade das equipas jovens de hóquei em patins, com destaque para os juvenis, invictos na fase preliminar do regional, e o bom lugar dos iniciados no Torneio de Abertura. Quanto aos seniores iniciaram muito bem a sua participação na zona B do Nacional da II Divisão.

Do hóquei em campo não vieram grandes novidades, com as equipas da AAE (primeiras e reservas) a lutarem com ardor pelo seu lugarzinho ao sol.

Esperemos por este Janeiro onde o ritmo será maior e se poderão tirar muitas conclusões quanto às competições de maior envergadura.

História do Desporto (3)

BASQUETEBOL

QUANDO O CESTO TINHA FUNDO...

É muito reivindicada a paternidade do basquetebol, em países tão dispersos como a França, o Brasil ou os Estados Unidos. No entanto, os primórdios do basquetebol que se conhecem mais longe no tempo datam de 1890, quando um padre canadiano decidiu pôr os seus alunos e colégio a tentar enfiar uma bola em cestos de verga. Dizia o padre Naismith que «é capaz de haver outras maneiras de se fazer o bem para além de rezar». Como as turmas tinham 18 alunos, as equipas eram formadas por 9 jogadores. As regras então estabelecidas eram muito simples, mas algumas delas permaneceram até aos nossos dias: a abertura do cesto horizontal, a bola deve ser grande, o contacto físico não é permitido. O jogo do padre Naismith rapidamente se espalhou e se tornou popular sob o nome de «basketball» (bola no cesto). O sucesso nos Estados Unidos foi

nacional, mas encontrou alguma resistência das autoridades desportivas da época, devido sobretudo à ocupação, para eles exagerada, que começou a fazer dos poucos ginásios disponíveis. Salões de dança, pátios públicos passaram a ser utilizados. Entretanto, o número de jogadores de cada equipa era restringido a 7, e mais tarde a 6.

A expansão do basquetebol na Europa e América do Sul não tardou, mas curiosamente os cestos continuaram durante alguns anos a guardar a bola sempre que esta era encestada, sem que alguém se lembrasse de lhes tirar o fundo. O que não deixava de ser aproveitado por espectadores que se divertiam a tomarem a seu cargo a tarefa de restituir a bola ao campo de jogo. Vários sistemas com molas, alçapões foram usados até que, já no séc. XX, profissionais americanos retiraram o fundo ao cesto.

Entretanto, aparecia a tabela, primeiro por cima da linha de fundo, mais tarde (1920) cerca de meio metro dentro do campo. Já se podia jogar por detrás do cesto... Já antes se estabelecera que o lançamento de campo valia dois pontos e o lançamento livre um ponto (ambos valiam inicialmente três pontos). Isto em 1896. Em 1921, os «passos» deixaram de ser penalizados com lançamentos-livres. Em 1924, estabeleceu-se que só o jogador que sofre uma falta pode fazer o lançamento livre. Em 1933, aparecia o «garrafão», área onde nenhum jogador atacante pode estar mais de 3 segundos. Em 1935 foi fixado o actual diâmetro da bola (cerca de 24 cm). A evolução da estatura dos jogadores obrigava em 1945 a punir a intercepção da bola quando a descer em direcção ao cesto, com a marcação de um cesto para a equipa adversária. A consagração mundial do

basquetebol data de 1936, com a sua admissão aos jogos olímpicos, que os Estados Unidos venceram sucessivamente, até à interrupção pela URSS em 1972 (com o tal cesto a 2 segundos do fim). O actual campeão olímpico é a Jugoslávia (Moscou 80) e o campeão mundial (82) é a URSS. Apesar destes dois países virem a dividir os troféus mundiais, permanece incontestável a supremacia dos EUA, cujos profissionais não participam nestas provas. Formações como a dos «Harlem Globetrotters» celebrizaram mundialmente as excepcionais aptidões dos negros norte-americanos para esta modalidade.

Em Portugal, a organização e competições data dos anos 30. Benfica, Sporting e F. C. Porto têm dominado nos tempos mais recentes, mas clubes como a Académica de Coimbra, o Bairreirense e o Carnide têm largas tradições nas modalidades.

PALMIRA CASTRO:

"Foi o Prof. Falcão quem me encorajou"

Maria Palmira Montenegro de Castro. 22 anos. Finalista de Engenharia Química. Atleta de voleibol do SCE onde alcançou um invejável palmarés: 2 vezes campeã regional da 2.ª divisão, 1 vez campeã nacional da 2.ª divisão, 1 vez campeã nacional júnior, 3 vezes internacional júnior, 4 vezes internacional sénior.



«O que me prende ao Espinho é sobretudo a amizade que tenho ao Toninho»

MV — Praticavas ginástica. E. Como apareceu o voleibol?

PC — Não me recordo bem, mas sei que gostava muito de desporto e como além da ginástica, que eu já praticava, a única modalidade que havia era o voleibol, comecei a treinar. Se houvesse andebol ou basquetebol também as teria praticado e possivelmente teria dado preferência ao basquetebol.

MV — A ginástica ter-te-á ajudado a desenvolver as aptidões físicas para a prática do voleibol?

PC — Sem dúvida. A prática da ginástica dá uma maior flexibilidade e destreza, que acho que é benéfica para a prática de qualquer modalidade.

MV — Um dos grandes entraves à expansão do voleibol é a iniciação. Achas que é de difícil iniciação?

PC — Acho que sim. O voleibol é um desporto de difícil iniciação, porque tem de se jogar a bola sem a agarrar (o que vai contra as nossas tendências) e além disso a bola tem que passar por cima da rede o que na início normalmente não é muito fácil.

MV — Em que medida pensas que o Prof. Luís Falcão terá contribuído para superares essa fase?

PC — O Prof. Falcão foi o meu primeiro treinador e o de que eu mais gostei (sem desmerecer para ninguém). Para mim foi ótimo tê-lo como treinador, pois considerava-me uma jogadora com potencialidades para atingir um nível razoável e insistiu muito comigo. Trabalhei muito individualmente, o que foi importante, pois muitas vezes ganham-se defeitos na iniciação, que depois é muito difícil corrigir.

MV — Voleibol, modalidade de grupo obriga a que as capacidades individuais sejam postas ao serviço do grupo. Implica sacrifício e conciliação do trabalho desportivo com as obrigações escolares...

PC — Normalmente não me é difícil conciliar as duas coisas. O meu maior problema foi em determinadas épocas (especialmente na época passada em que normalmente tinha aulas até às 20 horas) por sobreposição de horários. Em alturas de testes na faculdade, também surgem alguns problemas, especialmente quando temos jornadas duplas ou deslocações grandes, pois obrigam a perder praticamente todo o fim-de-semana.

MV — Nunca deixaste de vestir a camisola do SCE, ainda que as tuas aptidões tenham já sido «cobiçadas» por outros clubes. Alguma razão especial?

PC — O que me prende ao Espinho nem eu às vezes sei bem o que é, mas fundamentalmente creio que é a amizade que tenho ao Toninho, que é o coração do voleibol do Espinho e o «culpado» de ainda existir feminino no Espinho. E o meu bairrismo creio que tam-

bém tem influído um pouco...

MV — Para quem pratica desporto desinteressadamente as boas recordações são o prémio para o trabalho desenvolvido ao longo dos anos. Qual o momento mais feliz da tua carreira?

PC — Foi a participação na fase de apuramento para o Campeonato Europeu de Júniores disputado no Barreiro, pelo verdadeiro espírito de equipa que existiu naquela selecção e pelos bons resultados que fizemos, embora não tenhamos conseguido o apuramento. Recordações tristes não tenho nenhuma em especial.

MV — Voleibol feminino. Que pensas do seu desenvolvimento no nosso país?

PC — Acho que actualmente o voleibol feminino está-se a desenvolver a nível das camadas jovens, pois cada vez se vêm mais clubes com diversos escalões, etários em competição. Quando eu comecei a jogar não era muito frequente acontecer isso.

MV — Perspectivas para a época 1982/83?

PC — Espero que este ano sejamos apurados para a fase final do Campeonato Nacional da 1.ª divisão, onde penso que se não tivermos problemas de lesões (que nos têm vindo a afectar com muita frequência) poderemos ter uma boa classificação.

Foi Palmira Castro que ouvimos falar um pouco de si e do voleibol. Voleibol que pratica porque, porventura, não havia basquetebol. Voleibol onde atingiu o nível que só as melhores conseguem chegar. E ainda tem muito para dar... ao SCE. Esperamos... Ainda (e bem o merece) que pelo Toninho...

ANDEBOL

DIA 9

Jun. Fem. — Regional — SCE-Vigorosa, 16,30 h.

DIA 15

Sen. Masc. — Nacional — SCE-Académica de Coimbra, 21,30 h.; Jun. Masc. — Regional — SCE-Módicos, 16,30 h.

DIA 16

Juv. Masc. — Regional — SCE-Progresso, 17 h.

DIA 29

Jun. Masc. — SCE-Lapa, 16 h.

DIA 30

Sen. Fem. — Regional — SCE-Amanhã da Criança, 18 h.; Juv. Masc. — SCE-Águias do Porto, 17 h.

DIA 4 FEV.

Jun. Fem. — SCE-A.

Criança, 19,30 h.

DIA 5 FEV.

Juv. Masc. — SCE-Salgueiros, 17 h.

HÓQUEI EM PATINS

DIA 15

Seniores — Nacional da II Divisão — AAE-Estarreja, 18 h.

VOLEIBOL

DIA 8

Nacional da I Divisão — Seniores Masculinos — AAE-Grundig, 21,30 h.; SCE-Francisco de Holanda, 21,30 h.; Jun. Masc. — Nac. —

AGENDA PARA JANEIRO

SCE-Esmoriz, 17,30 h.; Jun. Fem. — SCE-Esc. Esmoriz, 10 h.

DIA 9

Sen. Masc. — Ac. S. Mamede-SCE, 18 h.; F. C. Porto-AAE, 18 h.; Sen. Fem. — SCE-CDUP, 18,30 h.; Juv. Masc. — SCE-Carvalhos, 17 h.; Inic. Masc. — SCE-Carvalhos, 9,30 h.

DIA 15

Sen. Masc. — Esmoriz-SCE, 21,30; AAE-Francisco de Holanda, 21,30 h.; Sen. Fem. — SCE-Leixões, 18,30 h.

DIA 16

Jun. Masc. — SCE-Fluvial, 11 h.; Jun. Fem. — SCE-Fluvial, 9,30 h.

DIA 18

Juv. Masc. — SCE-Esc. F. Espanca, 19 h.

DIA 22

Sen. Masc. — SCE-AAE, 21,30 h.; Nacional Iniciados — AAE-Col. Carvalhos, 16,30 h.

DIA 23

Sen. Masc. — AAE-Esmoriz, 18,30 h.; Nacional Juvenis — AAE-Esc. Florbela Espanca, 10 h.; Sen. Masc. — Leixões-SCE, 18,30 h.; Sen. Fem. — SCE-V. Guimarães, 17 h.

DIA 29

Sen. Masc. — SCE-Grundig, 18,30 h.; Ac. S. Ma-

mede-AAE, 18,30 h.; Juv. Masc. — SCE-Madalena, 20 h.

DIA 30

Inic. Masc. — SCE-AAE, 16 h.

DIA 5 FEV.

Sen. Fem. — Esmoriz-SCE.

DIA 6 FEV.

Juv. Masc. — AAE-SCE, 10,30 h.

HÓQUEI EM CAMPO

DIA 9

Serzedo-AAE, 15 h. (prim. e res.).

DIA 16

AAE-Lousada, (prim. e res. em Grijó), às 15 h.

DIA 23

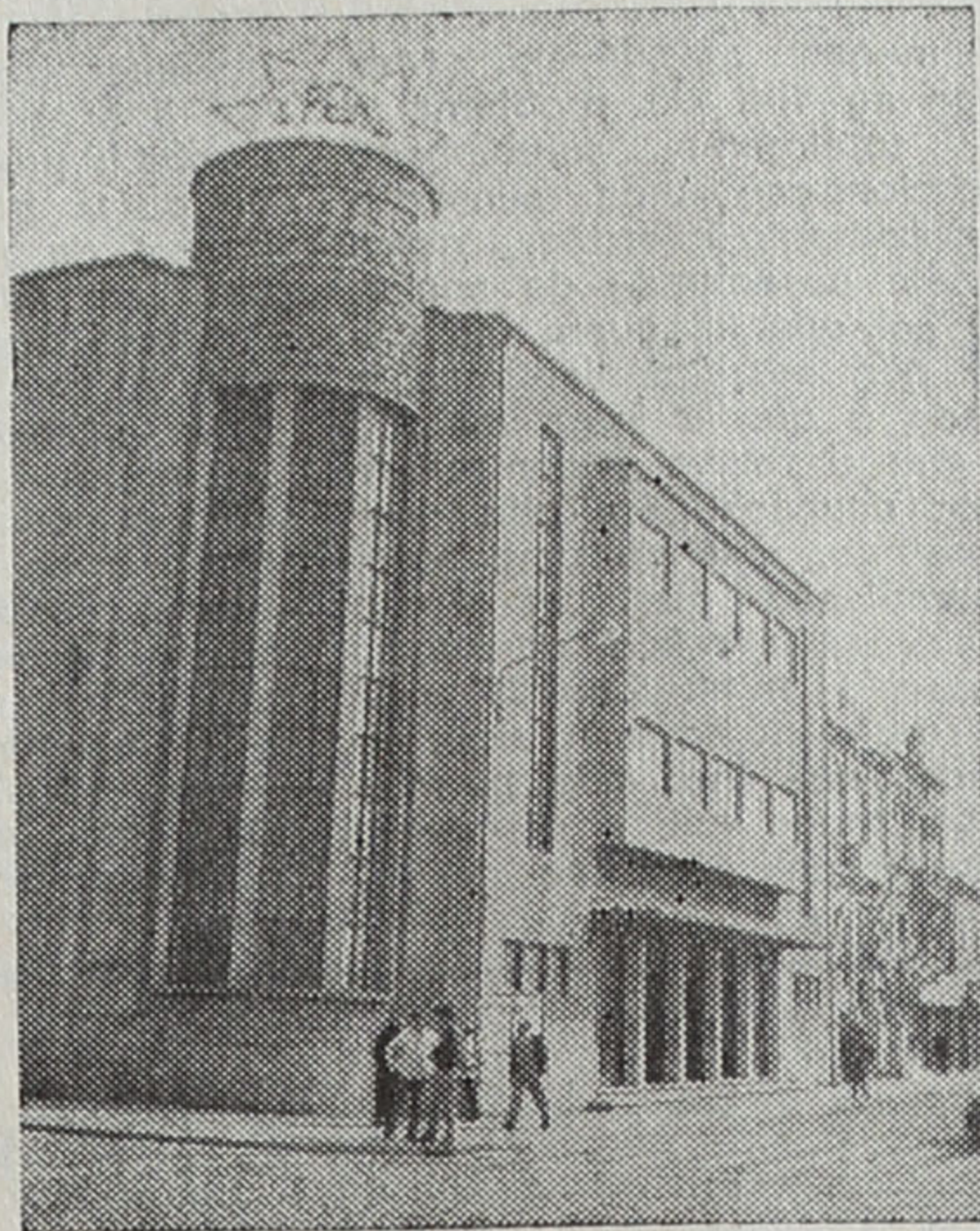
Sport-AAE (prim. e res.)

OSINOFIA

COZINHAS

A QUALIDADE
DEVIDA

UM BALANÇO PROVISÓRIO



De acidentes, felizmente, o ano não foi farto. Um ou outro incêndio na cidade foram porém notícia. Mas a «bomba» do ano terá sido o encerramento do S. Pedro, ainda a aguardar o seu destino.

DIA A DIA ESPINHENSE

Mas no seu dia-a-dia de espinhense, que alterações registou o cidadão anónimo no seu quotidiano durante 1982? Naturalmente, algumas dessas alterações, porventura as mais notórias, foram idênticas às da grande maioria dos cidadãos de todo o país: o agravamento generalizado das condições de vida, com a degradação de um equilíbrio económico que torna cada mês mais difícil de aguentar até ao fim. Iguualmente no campo da saúde, as coisas foram más para todos, já que também por cá se passou a usar a famigerada taxa moderadora e outras medidas «preventivas». Para exemplificar entre nós, bastará lembrar a situação por nós denunciada da

ausência de médico ao domicílio nos serviços médico-sociais.

Noutros domínios do nosso quotidiano de espinhenses, houve a registar o encerramento do cinema S. Pedro, com a perda que significou para a ocupação dos tempos livres de uma grande parte da população da cidade e arredores. E por falar em encerramentos, outro a que se assistiu durante 1982 foi o do Centro de Assistência Social, permanecendo ainda a dúvida sobre as efectivas consequências que o seu desaparecimento poderá ter tido sobre os estratos populacionais mais carenciados.

De qualquer forma, pode afirmar-se que 1982 não assistiu

a grandes acidentes ou desastres naturais no concelho, não se tendo verificado invasões do mar como em anos anteriores. Algumas mortes ainda registadas na área da via férrea aí estão para provar que mesmo com a automatização das passagens de nível todo o cuidado continua a ser pouco. Ainda no domínio das situações menos felizes, relembramos alguns incêndios em unidades industriais, casos da fábrica Progresso e da Fontes.

Quanto a situações mais positivas para o espinhense comum, refira-se a ameaça presente ao longo do ano, mas que não chegou ainda a concretizar-se, do aumento em flecha dos preços da electricidade e, já

agora, a possibilidade de que passou a dispor para uma mais fácil captação da televisão espanhola, graças à instalação de uma antena num edifício da cidade. Isto para dizer que cá,

como por todo o lado, os tempos não foram de grandes bonanças, e o pior é que não faltam as previsões dos que afirmam que o ano que agora começa não irá ser melhor.

ALGUMAS OBRAS FEITAS...

No capítulo concreto das realizações, o ano que findou assistiu à conclusão ou ao lançamento de obras de importância inegável, e que passam a ser património do município e da população. Para citar algumas das mais importantes, bastará lembrar, à cabeça, a defesa da costa, anseio de gerações finalmente concretizado, ou a abertura da ligação marginal entre Espinho e a Granja. No que se refere à zona de jogo, 1982

foi também um ano dos mais ricos em inaugurações, já que o novo edifício do casino a piscina climatizada e o parque de campismo a norte da cidade entraram em funcionamento. Outra obra que já vem de trás que não está ainda concluída mas que registou avanços significativos, foi a construção da piscina para tratamentos medicinais pela água do mar, e que deverá ficar pronta dentro de alguns meses.

...E MUITAS POR FAZER

Mas se alguma coisa se fez, muito mais ficou por fazer, nalguns casos por evidente incapacidade de dar andamento aos assuntos, noutros por falta do indispensável apoio governamental, quase sempre servindo de justificação a consabida falta de verbas. Que é feito dos novos edifícios do Tribunal, dos correios ou do Ciclo Preparatório, este já em andamento, mas a passo de caracol? E a Variante à 109, outra obra que se chegar a ver a luz do dia justificará foguetes e festa riça? E casas para suprir as graves deficiências nesse sector: onde está a 3.ª fase do complexo da Ponte de Anta? Quando ficarão, *de facto*, prontas as casas sociais há anos lançadas na zona da Marinha de

Silvalde? E ainda nesta zona, onde está o Centro Cívico tão falado sempre que há eleições? E ainda no domínio de uma criativa utilização dos tempos livres, quando aparecerá a tão propagandeada mas ainda não vista Casa da Cultura? E o desporto, terá de marcar passo até ao lançamento (quando?) do famoso Complexo Desportivo que ia ser (será mesmo?) a solução para os problemas no sector? Tantas perguntas, poucas respostas. E a lista do que falta fazer poderia continuar, mas para despertar o animo de quem tem o dever de pôr isto em andamento basta. Que fique a esperança que a lista no final deste ano esteja um pouco mais curta...

LEI Agência

Contribuintes — Contabilidade — Documentação auto
Traduções — Seguros em todos os ramos

Valos - FIÃES — Telef. 7641281

Igreja - SANGUEDO — Telef. 7641243

Rua 24 n.º 751 — Telef. 720431 — 4500 ESPINHO

PESSOAS EM DESTAQUE

Ao longo do ano pessoas houve que andaram nas bocas do mundo, quase sempre por ligação com qualquer facto ou situação mais controverso. Isto mesmo se reflectiu na grande imprensa nacional, onde pessoas e acontecimentos ligados a Espinho mereceram destaque e desenvolvimento asinaláveis. Diga-se em abono da verdade que na maior parte dos casos se tratou do mero prolongamento de discussões por vezes sem grande significado real, cabendo grande parte à polémica Fonseca-Violas, com este industrial a bater todos os records conhecidos de direitos de resposta, publicidade paga, cartas, etc., nas páginas de diversos jornais. Isto para dizer que as questões do jogo e assuntos paralelos foram de longe os mais badalados e daí que José Fonseca e Manuel Violas tenham sido, no capítulo da promoção de imagem, as personalidades mais destacadas. Fonseca acumulou ainda com os favores da notoriedade pública que lhe trouxeram as questões políticas internas do PSD local e da própria AD, pelo que em termos jornalísticos a sua pes-

soa foi o «furo» do ano.

Mas não faltaram outros nomes a atrair as atenções. Ainda no domínio mais estrito da política local, de salientar os de Luís Gomes, repentinamente catapultado para os títulos dos jornais, sem se saber bem porquê, e que bem depressa regressou à obscuridade anterior, José Dias, detentor de uma carreira política pelo menos estranha ou Luís Lopo, controverso presidente da Junta de Freguesia de Espinho. Isto para citar apenas os novos «valores», porque outros de tradição já anterior não deixaram de marcar presença, caso saliente de Vicente Pinto, com uma divertida presença na AM seguida de transferência partidária a preceito. Relembre-se ainda o nome do arquitecto Jerónimo Reis, repentinamente aparecido como potencial candidato às autarquias e que afinal veio a dar lugar, como se esperava, a um nome novo mas que promete nestas coisas da política local, Valdemar Martins.

Mas nem só de nomes políticos viveu o ano. João Barbosa, a propósito da venda do Teatro S. Pedro, foi citado e

referenciado múltiplas vezes. E entre outros que apareceram momentaneamente poderíamos referir Américo Padrão, vencedor de um grande prémio da lotaria nacional, bem como alguns dos que se contaram entre as perdas do ano: o velho Porfírio dos bombeiros, Benjamim Gil, do há muito demolido Café Gil, o popular e prematuramente desaparecido Fausto da Rocha Neves. Foi também em 1982 que morreu um espinhense que se destacou ao serviço fiel do regime anterior ao 25 de Abril e cujo desaparecimento a edilidade local entendeu destacar com uma moção de pesar: César Moreira Baptista.

Mas nomes que ficarão mesmo deste ano para todo o sempre permitimo-nos destacar apenas dois, a concluir: em primeiro lugar o do inestimável Eng. Ângelo Correia, que gravado em pedra comemorativa da inauguração do casino não mais desaparecerá; logo após o de Nandim de Carvalho, verdadeira revelação e que um movimento popular pretende vir a tornar cidadão honorário de Espinho. Merecido, sem dúvida.



RESTAURANTE * SNACK-BAR

Sob a gerência do Aquário Marisqueira

ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS DA MANHÃ

PRATOS REGIONAIS

SERVIÇO À LISTA

MARISCOS SEMPRE FRESCOS

SALA PARA BANQUETES

Faça-nos uma visita e ficará cliente...

Avenida 24 n.º 827 — Telef. 721630 — ESPINHO

CONFEITARIA DOCE BELO

do «Jaime»

ex-encarregado da SUIL

Secção de mercearia fina e Snack

De passagem, tome a sua «bica»

RUA 25 N.º 387

(entre as Ruas 16 e 18)

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO

Telef. 723299

Município de Espinho

EDITAL

Luís Couto Alves Gomes, Presidente da Assembleia Municipal de Espinho:

Faz público que no dia 8 de Janeiro, pelas 9 horas terá lugar no Salão Nobre dos Paços do Concelho a cerimónia da posse das novas Câmara, Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesias, para o que se notificam todos os eleitos a estarem presentes, no referido acto munidos do respectivo Bilhete de Identidade.

Espinho, 27 de Dezembro de 1982.

O Presidente da Assembleia Municipal

Luís Couto Alves Gomes

CONVITE

Luís Couto Alves Gomes, Presidente da Assembleia Municipal de Espinho, convida toda a população do Município de Espinho a estar presente, no próximo dia 8 de Janeiro, pelas 9 horas, no Salão Nobre dos Paços dos Concelhos, a fim de assistir ao acto de posse das novas Assembleia Municipal, Câmara Municipal e Assembleias de Freguesias.

Espinho, 27 de Dezembro de 1982.

O Presidente da Assembleia Municipal

Luís Couto Alves Gomes

Município de Espinho

Edital N.º 97/82

José Carvalho da Fonseca, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faz público que a Câmara Municipal de Espinho em sua reunião ordinária de 16 do corrente, deliberou desafectar do domínio público as parcelas de terreno a seguir identificadas:

a) — Uma parcela de terreno com duzentos e doze metros quadrados a confrontar do Norte com a Rua Dezanove, do Sul com Rua Dezanove, do Nascente com propriedade do Estado e do Poente com propriedade da Solverde — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, SARL, a que foi atribuído o valor de dois mil oitocentos cinquenta escudos cada metro quadrado e o total de seiscentos quatro mil e duzentos escudos;

b) — Uma parcela de terreno

com duzentos e dezasseis metros quadrados a confrontar do Norte com a Rua Dezanove, do Sul com a Rua Vinte e Um, do Nascente com a Empresa Espinho Praia, SARL (Palácio Hotel) e do Poente com Herdeiros de Edmundo Alves Ferreira, a que foi atribuído o valor de dois mil oitocentos e cinquenta escudos cada metro quadrado e o total de seiscentos quinze mil e seiscentos escudos.

E para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Espinho e Paços do Concelho, 28 de Dezembro de 1982

O Presidente da Câmara

José Carvalho da Fonseca

Rascunhos

continuação da página 3

rias menos agradáveis. Mas chegar ao fim do problema e vê-lo totalmente solucionado proporciona-me uma sensação de aprazimento interdita a quem não tem capacidade de sonho.

Eu sei que há quem me critique por esta mania, mas a verdade é que a larga maioria dos que o fazem encontrariam melhor ocupação em olhar por si mesmos, fazerem uma auto-contemplação que, se fosse honesta, os levaria à conclusão de que a minha mania está mais certa do que a sua vacuidade, que lhes não permite ir mais longe que a discussão constante dos desafios de fu-

tebol que viram ou até nem viram, ou das subtilezas de qualquer jogo de mais ou menos azar a que se devotam. O Goebells puxava da pistola quando ouvia falar de cultura, eles puxam da fisga quando ouvem falar em palavras cruzadas.

Neste cruzar de letras vem-me à memória um caso curioso passado num dos cafés da nossa cidadina parvónia já lá vão uns dilatados tempos. Um amigo meu e um outro fulano, faziam a dois um problema de palavras cruzadas de um jornal diário. Pelos vistos o parto estava difícil e as suas vozes ribombavam na pacatez do café discutindo qualquer pormenor do enunciado. Em da-

do momento, o meu amigo, infelizmente já desaparecido do número dos vivos, clamou por ajuda minha. Fui. Faltava uma letra para completar o quadro, mas não havia gatafunho que encaixasse ordeiramente a completar as palavras entroncadas. Dei uma mirada. Não havia ponto por onde pegar. Mas, não querendo dar parte de franco, ditei um qualquer dos símbolos alfabéticos e pus-me a bulir. Ainda deu tempo para ouvir o meu amigo dizer: «Este tipo é formidável. sabe disto a potes».

Assim se constroem, por vezes, as reputações...

Carlos P. Morais

NOTARIADO PORTUGUÊS

2.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário Lic. Fernando José Vaz Serra Lima.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 7 de Dezembro de 1982, lavrada de fls. 6 e 8, do livro para escrituras diversas n.º 2 F, do cartório a cargo do notário Lic. Fernando José Vaz Serra Lima, foi constituída entre José António Soares Gonçalves Passos e António Leite Rodrigues, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida nos termos constantes dos artigos seguintes: Primeiro: A sociedade adopta a firma «JOSE PASSOS & RODRIGUES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na rua trinta, número mil dezasseis, rés do chão, cidade, freguesia e concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado, a partir do dia um de Maio de mil novecentos e oitenta e três. Segundo: É seu objecto — a actividade de laboratório de fotografia, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade, comercial ou industrial, que os sócios, em assembleia geral, deliberarem explorar. Terceiro: O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de CEM MIL ESCUDOS, e divide-se em duas quotas de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios António Leite Rodrigues e José António Soares Gonçalves Passos. Quarto: Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital, precedente deliberação

unânime deles, tomada em assembleia geral. Poderão ainda os sócios fazer suprimentos à sociedade, nas condições que em assembleia geral forem estabelecidas. Quinto: A gerência da sociedade, dispensada de caução, e remunerada ou não, conforme em assembleia geral for resolvido, fica afecta a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes. Em serviços de mero expediente e nos actos de constituição de simples mandato judicial, bastará a assinatura de um só gerente; para obrigar a sociedade em todos os seus actos ou contratos, que para ela envolvam responsabilidade, é necessária a assinatura, em conjunto, dos dois gerentes. Poderão os gerentes delegar, no todo ou em parte, os poderes de gerência de que ficam investidos; se tal delegação for em outro sócio, ou no respectivo cônjuge, a mesma é livre; se for em outra qualquer pessoa, fica dependente do consentimento, por escrito, do sócio não mandante. Sexto: Poderá a sociedade constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis, do Código Comercial, ou para outros fins. Sétimo: A cessão de quotas é livre entre os sócios; a outras pessoas, fica dependente do consentimento, por escrito, do sócio não cedente. Fica desde já autorizada a divisão de quotas, para efeito de cessão. Oitavo: Fica expressamente vedado aos gerentes obrigar a sociedade em actos ou contratos que não di-

gam directamente respeito aos negócios sociais, nomeadamente em fianças, abonações, letras de favor, e responsabilidades similares, sob pena de o infractor se tornar pessoalmente responsável pela prática de tais actos, e de indemnizar a sociedade pelos prejuízos que lhe causar. Nono: No caso de dissolução da sociedade por mútuo acordo, os gerentes serão os seus liquidatários, procedendo-se à liquidação e partilha dos haveres sociais nas condições em que entre si acordarem. Décimo: No caso de falecimento de algum sócio, a sociedade continuará com o sobrevivente e os herdeiros do falecido, devendo estes indicar, de entre si, um só elemento que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa, o qual nela exercerá os poderes de gerência de que o falecido estava investido. Igual gerência assumirá aquele dos herdeiros a quem vier a caber a titularidade da quota. Décimo primeiro: As assembleias gerais, quando a lei não exigir outra formalidade, serão convocadas por meio de cartas registadas, com aviso de recepção, e a antecedência mínima de dez dias.

Está conforme com o original. 2.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, 7 de Dezembro de 1982.

O Ajudante da Secretaria

Artur Lima

Para comprar
bom Café

Casa Alves Ribeiro

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA
AO PÚBLICO

Rua 19 n.º 294

ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLINICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

Milton C. Pinho

Glória C. Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896
ESPINHO

Comandante da PSP ao «Maré Viva»

«1982 foi fértil em ocorrências e produtividade na sua resolução»

Começamos por falar das instalações, como as vê?

— As instalações são do conhecimento de toda a imprensa local e até da que não o é, pois vocês são cá familiares e têm tanto conhecimento como eu, do seu acanhamento, do seu uso e das suas condições péssimas. Isto não é uma casa feita de propósito para um aquartelamento, de polícia ou outro, é uma casa que foi adaptada numa altura em que havia aqui 20 homens. Hoje já somos uns 70 ou 80 e dentro em breve seremos cento e tal segundo o que está em perspectiva. As instalações de modo nenhum são aquelas que no mínimo poderíamos desejar. Para nós e para uma cidade como Espinho, com a expansão que está prevista, precisaríamos de uma instalação policial como, e para estabelecer uma comparação, tem a GNR de S. João da Madeira. Mas isso está no poder de alguém que não é a polícia nem até a própria Câmara. Espinho, o que é hoje, o que foi ontem e o que será amanhã, dá-nos a indicação muito clara do que virá a precisar.

A ESQUADRA É UM CORREDOR

Mas, como definiria este tipo de instalações ideais? O que compreenderam delas?

— As instalações ideais, já estão previstas em despachos do próprio Comando Geral. A secção em si, partindo da hipótese que continuaria secção, necessitaria de uma secretária funcional com mobiliário adequado, de gabinetes, como está previsto, para o Comandante, para o 2.º Comandante para o Chefe da Esquadra que fará parte do Comando para mais quatro sub-chefes e 30 guardas. Para além de um posto médico com os requisitos necessários e modernos que as necessidades actuais exigem. Isso para nos colocarmos no tempo presente. Pois o posto de socorros não pode ser ali um cubículo com duas cadeiras e uma marquesa velha e já sem uso nenhum. Tem de ser capaz, porque a secção tem um médico privativo, para além de outros que prestam serviço per capita.

O Gabinete do Comando de-

via ter condições de conforto para produzir um trabalho eficaz. Haveria necessariamente uma sala de atendimento ao público, onde, quando não fosse atendido imediatamente, pudesse estar sentado. Uma camarata para o pessoal, uma secção de justiça que não fosse aquela vergonha, debaixo de uma escada, onde trabalham 3 homens que produzem um serviço muito importante e muitas vezes eficaz, sem condições nenhuma porque se falhar a luz, eles já não podem trabalhar. Nós precisamos de uma sala para os serviços de trânsito, onde trabalham 4 funcionários, também com luz artificial, que não tem respiração nenhuma. A própria esquadra é um corredor. Precísavamos de uma, espaçosa, onde as pessoas pudessem ser atendidas condignamente. Precisaríamos ainda de alojamento para o pessoal solteiro, de uma messe condigna com uma cozinha em condições, com um refeitório capaz de as pessoas se sentirem bem, com, e não é pedir nada que não seja deste tempo, uma televisão; uma sala de convívio, porque o que temos é uma sala para tomar um cafézito, onde cabem lá 10 pessoas. Portanto tudo isso seria inserido numa instalação modernas, para as quais seriam precisos, actualmente, 40.000 contos.

Mas apesar destas velhas inestéticas instalações apesar dos fracos recursos humanos e materiais de que dispomos e das demais carências com que somos assediados permanentemente não nos fenece a vontade férrea de defender a legalidade democrática e os direitos dos cidadãos em obediência à lei que rege este Portugal; portanto nós continuamos e será útil o nosso serviço se tivermos a colaboração da imprensa que tem sido muito gentil e muito boa para nós, pondo os problemas e indicando onde eles se encontram porque nós não vemos tudo. Eu não me sinto nada mal quando dizem que a polícia devia ter feito e não fez, que determinado guarda agiu mal ou respondeu mal. Tudo isto são críticas construtivas e isso é muito útil para nós, gostava que acontecesse mais vezes.

FALTAM MUITOS HOMENS PARA UM QUADRO COMPLETO

Não se referiu às condições dos presos. Como são as celas?

— Nós não temos celas de presos porque nenhuma esquadra ou secção tem calabouços. Outro tempo havia em que isso acontecia. Enquanto não houver um Palácio de Justiça que tenha esses requisitos, e quando as pessoas detidas tiverem de aguardar algum tempo para o prosseguimento dos trabalhos, os tribunais pedem-nos para as

retermos, até ao julgamento acabar ou até virem buscá-las de Custódias.

Essas instalações têm conforto, têm casa de banho com água quente e fria, tem sanitários e lençóis limpos e asseados sempre que entre uma pessoa. Isto é transitório, é de um dia para o outro, nunca está aqui ninguém mais que umas horas e é a pedido do Tribunal. Quando acontece capturar alguém a uma hora em que o tribunal está fechado, essa pessoa só vai para a tal cela, como lhe chamou, se não conseguir identificar-se, se não souber quem ele é, porque se souber, vai embora e fica de se apresentar no tribunal. Se ele não aparecer, a nossa responsabilidade não é nenhuma, ele é que incorre em desobediência e já terá que responder por dois crimes, o que deu motivo à sua detenção e outro porque desobedeceu a uma ordem legal da autoridade. A coisa está, de facto, facilitada e portanto não temos necessidade nenhuma de calabouços.

Acha que a PSP tem capacidade de resposta para todos os problemas que lhe surgem?

— A PSP cumprir, cumpre, e bem porque temos pouco pessoal e esse pessoal defaz-se em vontade de trabalhar e para além de terem os seus horários de trabalho não há aqui nenhum que diga: «está na minha hora e agora vou embora e quem quer que venha». Não, isso não existe. Se ele está a elaborar um auto ou numa desordem, não vai embora enquanto for necessário. E se assim não fosse, com o pouco pessoal que nós temos não seria possível dar vazão a todo o serviço, mas mesmo assim sentimos dificuldades porque até que tenhamos o quadro completo, faltam muitos homens. É claro que não podemos exigir que mandem para cá homens, nem o Comando pode fazê-los. Há dificuldades em todo o lado. Aqui faltam à volta de 30 elementos que seriam muito úteis para uma cidade como Espinho; porque não é só Espinho, é uma parte do Grande Porto, são todos estes arredores, que têm milhares e milhares de pessoas. A população escolar que é superior à população real, é o casino que agora com o bingo é um pandemónio.

NEM SEMPRE ANDO AQUI A DORMIR...

Como caracteriza a actividade da PSP no ano de 1982?

— Eu devo dizer-lhe que foi um ano muito produtivo no que se refere a serviço da PSP. Houve êxitos, houve serviço bem feito, outro talvez não fosse tão bem feito, mas o público é o juiz e verá; mas de uma maneira geral o ano foi fértil em ocorrências e produtivo na sua resolução. Eu quero deixar uma



1.º Comissário Manuel dos Reis, comandante da PSP de Espinho. É ele quem comanda os (insuficientes) efectivos daquela corporação na nossa Cidade.

palavra de simpatia a todos os elementos cá da corporação, mas posso dizer-lhe, em especial àqueles quatro homens que estão mais no serviço de justiça e que têm feito serviços formidáveis tanto para nós como para o público em geral e até para dar a outras polícias.

Outros trabalhos foram também efectuados, por exemplo, nos estabelecimentos de ensino, num assalto roubaram isto ou aquilo. Um dos assaltantes foi para Custódias porque era maior, os outros continuaram aqui na cidade porque são menores, sabe-se quem são enviam-se para o tribunal e este fica à espera e os indivíduos continuam a fazê-las. Mas nós não podemos fazer nada às crianças. Recordo aqui na feira em que por duas vezes se apanharam quadrilhas de jovens que roubavam carteiras; o mais velho tinha 14 anos. É claro que não se deixou em branco, os pais têm conhecimento, os autos foram para tribunal mas não são coisas que tenham um aspecto de conhecimento geral, a maior parte das pessoas desconhece.

Em relação ao ano que vai agora entrar...

— Em relação ao ano que vem nós vamos continuar a melhorar se for possível, dentro dos recursos materiais e humanos que nos forem dados porque todo o homem tem uma capacidade e para além dela, muitas vezes também não é possível ir. Nós sabemos que podemos contar com o nosso pessoal e contando com as pessoas tudo corre bem; o povo também é bom, ordeiro, simpático, pacífico e nós contamos com ele. Nós aqui trabalhamos com a população, fazemos par-

te integrante dela. Por vezes quando telefonam para aqui a pedir um homem e se responde, «não tenho cá ninguém para mandar», incorre-se em erro porque o que o povo sabe é que tem que ter alguém que o proteja, que paga para ter polícias e não se compadece com as nossas carências, compadece-se e sofre é com aquilo que lhe aconteceu.

Qual o papel do Comandante? Está dentro dos problemas do pessoal?

— O papel do Comandante a nível de Concelho é igual ao de Comandante de Aveiro a nível de Distrito. É evidente que o Comandante tem que estar a par das necessidades e problemas de tudo o que se passa tanto cá dentro como a nível de cidade e de concelho (excluindo as zonas em que a polícia não vai lá). Portanto o Comandante tem que ter conhecimento de todas essas situações. Evidentemente que quando há por aí uma alteração da ordem ou problemas exteriores não sou eu que vou apaziguar ou pôr na ordem, para isso há o Chefe da esquadra e os seus homens. Eu aqui, lido com todo o expediente da secção e sou informado diariamente do que se passa. Eu raramente ando fardado mas nem sempre ando aqui a dormir.

Queria ainda aproveitar a oportunidade para dizer uma mensagem às pessoas: queremos desejar que o trabalho, a ordem, a paz e o progresso sejam para a população de Espinho a razão principal da sua luta diária para engrandecimento e expansão da sua moderna, bela e ambiciosa cidade, à qual auguramos um promissor futuro».

M MOREIRA OCULISTA
ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700 — TELEF. 723806 — 4500 ESPINHO

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA PARÊTA, PARATI, etc.

Pavimentos para cozinhas e casa de banho; Alcatifas, etc.
ORÇAMENTOS GRÁTIS

A MODELAR

Telefone 723068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

O Velho Avenida



Há quem lhe chame casmurro, sem o mínimo respeito pela sua propecta idade. Outros, como o nosso carimbo, compreendem a sua resistência ao arrelvamento e atribuem-na a uma mais do que justificada «questão de princípios».

É que os campos de futebol são como as pessoas: se há aqueles que, como o José Cid, não se importam de ostentar o capachinho como se fosse cabelo de raiz, outros, como Rosa Coutinho, fazem questão em mostrar-se na versão original, polindo até a careca para as ocasiões especiais.

O campo do Fontelo, em

Viseu, não se importou, o da Medideira, na Amora, até gostou, mas com o Avenida o caso é diferente: bem que o esburacam, o semeiam, lhe põem adubo, até o cobrem de plástico, mas o velho campo resiste, senhor do seu pelado, já saudoso da poeira quando o vento o afaga, e da lama quando a chuva o refresca.

É provável que, cansado desta luta, os homens o venham a vencer, por fim. Mas nem por isso deixará de merecer sempre a simpatia do nosso carimbo, que nestas coisas que mexem com a história da terra não passa dum sentimentalão.

FESTA FINAL DAS JANEIRAS

com o

Coro Popular de Espinho

e a

Orquestra de Cavaquinhos - Braga

Sábado, 8 - 22 horas

No Salão da Piscina



Afinal de contas, os rumores que circulavam sobre a «abdicção» de José Fonseca, no cargo de vereador da nova Câmara que amanhã toma posse, são infundados. O próprio ex-presidente no-lo disse, salientando que tinha, em tempos, posto essa hipótese se os resultados eleitorais lhe fossem francamente desfavoráveis. Como tal se não verificou, dado que o número de votos que o separaram de Artur Bártolo não foi, segundo José Fonseca, significativo. Já o teremos desta vez não no cadeirão de alto espaldar, mas num dos outros (talvez no dos Parques e Jardins) neste novo executivo camarário.

Mares e Terras...

Será atrevimento dizer que isto foi um caso único na imprensa portuguesa? Talvez não. Será que podemos considerar isto um acontecimento bizarro? Talvez sim. Será que isto foi uma espécie de prenúncio da tempestade que assola a direita portuguesa? Talvez (só).

O «isto» que, teimosamente, surge três vezes no parágrafo anterior, refere-se ao aparecimento simultâneo de dois jor-

nais, há bem pouco tempo, nesta terra em que vivemos, com o mesmo cabeçalho mas (passa, cidadãos!) com nomes diferentes de directores!...

Suponhamos que algum leitor desse jornal queria escrever uma «Carta ao Director»... Mas a qual? Tiraria o nome à sorte? Ou, numa forma simplista, endereçaria a tal carta «a quem de direita»? Intrincado problema este...

Ou então, partindo do princípio que haverá leitores moderados desse jornal, esses (se os houver...) dirão que «nem tanto ao mar, nem tanto à terra?»

Enfim — um imbróglio de todo o tamanho Só a concluir, aquela velha e reilha frase, quase bíblica: não se pode servir dois amos. Muito menos sob o mesmo cabeçalho.

O Jovem Promissor

O nosso carimbo de 81 não lhe perdoou o quase anonimato, inadequado a quem ocupava o cargo de presidente da Assembleia Municipal. Talvez por isso espicaçado (isto é que o nosso carimbo é modesto...!), o seu percurso político sofreu em 82 uma drástica alteração, colocando-o no topo de tudo o que era polémica no poder local. Passou a ser badaladíssimo na imprensa de Espinho (foi mes-

mo acusado de ter fechado um jornal), não havia questão em quem estivesse o seu alvitre, passou até, imagine-se, a ter correntes a favor e correntes contra, prerrogativa de que só sr. Violas e poucos mais se poderão gabar nesta nossa terra. Era o «animal político» que despontava!

Mas vieram as eleições e com elas a interrupção abrupta brutal, desta carreira ascensio-

nal: o seu nome não figurava em nenhuma das listas de candidaturas. Que se passou? Porque este olvidar numa das melhores promessas da política local? Como pôde Espinho, o País, prescindir desta vocação inata? As razões ficarão, talvez para sempre, sepultadas nos tortuosos subterrâneos da política espinhense.

Mas que o jovem lá bem lançado. Lá isso lá!

O Dias Variações

Por estranho que pareça, o cognome não lhe vem da história rocambolesca da sua acção na Assembleia Municipal, nem sequer da variante ao projecto da variante da 109 que se comprometeu a apresentar e que, por razões variadas, não chegou a variar nada.

Vem, isso sim, do seu comportamento no terreno estritamente político. Neste aspecto, o Dias é um achado de táctica e estratégia. Assim como o Ângelo Correia, mas mais refi-

nado. Enquanto o Ângelo se entretém a procurar encosto em quem está na mó de cima no PSD, o nosso herói tem um estilo mais difícil: o de mudar sempre para o lado que está a perder.

Ele esteve contra José Fonseca quando este estava de pedra e cal no comando do PSD de Espinho, tornou-se um seu inesperado aliado quando a sua posição tremia e, finalmente, passou a seu fidalgo

inimigo logo que Fonseca foi oficialmente designado como candidato à Câmara pelo PSD. Para isso, passou a ser unha com carne com o CDS, que como se sabe se colocou nas eleições num «excelente» quarto lugar. «Feitios!», como diria o Raul Solnado.

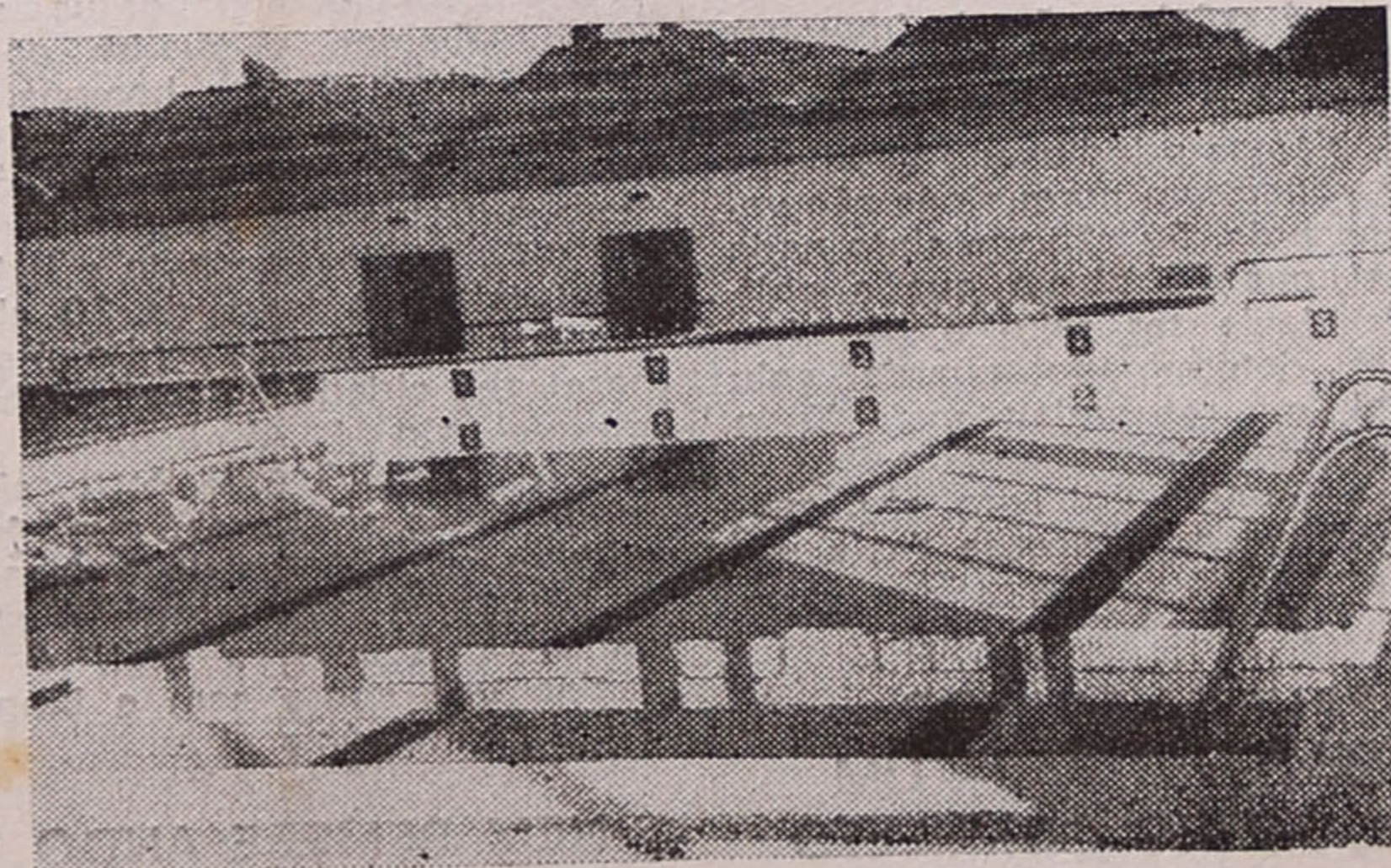
Acabou assim, num modesto lugar da geral, esta sinuosa e meteórica carreira que o nosso carimbo aqui regista para a posteridade.

“Água quentinha..., aí que bom!”

— «Está a ver o sr. Ministro, duas piscinas, aqui construídas num abrir e fechar de olhos. Só as más línguas dizem que nada fazemos pela nossa

terra».

— «Sim senhora, uma bonita obra», diz o executivo central pensando, já, no tacho (aqui refere-se a comida) e nos copos



da noite.

E eis uma voz, desalmada, se levanta da multidão dos bate-palmas. — «E para quem é ela, para a população?». Estaria enganada, ali, por certo.

Todos viraram a cabeça e olharam aquela alma renegada, com comisseração. — «São estes enviados do diabo que pretendem estragar as nossas coisas boas», pensaram eles com certo desprezo. E lá foram todos contentes para a inauguração seguinte. Coisas do ofício.

Mas e para situar a acção, se não no tempo, pelo menos no espaço, como compete a quem costuma fazer destas coisas, diremos que se passou, na Piscina de água quente da SOL-VERDE, onde se paga 150\$00 para aquecer o rabinho, sem qualquer tipo de discriminações (e esta). As crianças (pelo menos a partir dos 3 anos) também pagam o mesmo preço.

MARIE VIVA

PORTE PAGO



Câmara Municipal de
ESPINHO